



Semana do Meio Ambiente
2014:
Relatos e experiências

Comunicação Social/ Jornalismo¹
Faculdades Secal – 2015

¹ Versão preliminar, antes do ISBN.

Contexto

Jéssica Franco

Com o objetivo de mostrar a importância da realização de práticas ecológicas em prol do ambiente que vivemos, a Sociedade Educativa e Cultural Amélia, Secal, promoveu entre os dias 06 e 10 de outubro de 2014, a Semana do Meio Ambiente. O evento realizado nas três unidades da instituição aconteceu no período noturno. Participaram da Semana colaboradores, professores e aproximadamente 2 mil acadêmicos dos cursos de Administração, Ciências Contábeis, Direito, Jornalismo, Letras e Pedagogia. Durante a programação, foram realizadas diversas atividades acadêmicas, além de palestras, oficinas e visitação aos estandes de empresas.

Meio ambiente urbano, poluição, recursos naturais e sustentabilidade foram os temas retratados nas exposições de fotos produzidas por alunos do 2º período de Jornalismo. As mostras aconteceram em cada uma das unidades da instituição durante toda semana. Após o evento, as fotos foram levadas à sede dos Correios, ao Terminal Central e à Rodoviária, onde ficaram expostas entre os dias 13 e 20 de outubro.

A primeira noite do evento aconteceu na Unidade III, o público assistiu a uma palestra do professor Leandro Ferreira do Amaral, a qual teve como tema “A responsabilidade civil do crime ambiental e da nova legislação”. Em seguida, alunos e professores participaram de uma oficina sobre “A relação do homem X natureza na literatura: as visões Camões, Mellville, Conrad e Hemingway”. O trabalho foi coordenado pelo professor Edenilson Przybyszewski Mikuska.

Na terça-feira (07), o auditório da Unidade II recebeu Cíntia Ribeiro, professora de Geografia e especialista em Gestão Ambiental. A palestrante falou a respeito das práticas pedagógicas a partir das questões ambientais, destacando a importância da utilização dos recursos naturais de maneira consciente, uma vez que as futuras gerações também irão utilizá-las. “Os problemas ambientais tiveram início no século XVIII com a primeira Revolução Industrial, mas só recentemente as pessoas estão se dando conta dos danos que a natureza vem sofrendo”, disse.

A palestra foi organizada pela professora, Patrícia Freitas, coordenadora do curso de Pedagogia, que ao comentar sobre o evento, enfatizou que o mais importante é o efeito que essa discussão provoca na comunidade acadêmica, ampliando o conhecimento dos alunos sobre o assunto para que eles possam colocar em prática o que aprenderam.

Já na Unidade III, foram realizadas diversas oficinas com temas variados entre elas “Reciclando a aprendizagem”, “Eu também construo aquele que não me é: a relação do outro em D.F. Wallace”, “Ser diferente é normal” e “Um olhar sobre a diversidade sexual e religiosa”, ministrada pelo professor Marcos Antonio Keep. Para ele, “tudo que envolve religião e ciência é polêmico, nossa intenção não é convencer ninguém de nada, nem no aspecto religioso, nem no de diversidade, mas sim, abrir uma discussão com diferentes olhares”.

Na noite de quarta-feira (08), o curso de Administração promoveu no Campus Central a “Mostra de responsabilidade social e sustentabilidade”. Para a Mostra, os acadêmicos e

professores convidaram empresas de Ponta Grossa e região. BRF Foods, CCR Rodonorte, Gerdal, Makita e Tetrapak expuseram suas práticas e projetos ambientais.

Um dos palestrantes, Jean Cesar Andrusko, geógrafo e técnico em Meio Ambiente, representante da Brasil Foods de Carambeí, falou sobre alguns projetos que são desenvolvidos pela empresa. “Todos os resíduos sólidos gerados na unidade de Carambeí são destinados para empresas licenciadas, para tratamento específico”, contou Jean. Ele também destacou a importância de que o lixo seja separado de acordo com a coleta seletiva, diminuindo a quantidade de resíduos enviados para os aterros. Além das palestras, as empresas montaram estandes sobre os seus projetos.

O curso de Ciências Contábeis recebeu na Unidade I, o professor Paulo Henrique Fernandes de Godoy que ministrou a palestra “Gestão Ambiental e Sustentabilidade - desafios e oportunidades no âmbito empresarial”.

Nas noites de 08 e 09 de outubro, o curso de Direito recebeu na Unidade III, palestras com representantes do Instituto Ambiental do Paraná, Comissão do Meio Ambiente da OAB, Sanepar e Secretaria do Meio Ambiente.

Segundo Cíntia Francielle Barbosa, colaboradora da faculdade, a Semana do Meio Ambiente “é uma forma de trazer maior conhecimento sobre as questões relacionadas à reciclagem e preservação da natureza”.

A cobertura do evento foi realizada pelo curso de Jornalismo, com acadêmicos de todos os períodos, que produziram matérias escritas para o site da instituição, reportagens de rádio e TV, notícias para as redes sócias e e-books. “É interessante ver tudo o que aprendemos em sala na prática, cobrindo o evento nós vivenciamos como é o dia a dia de um jornalista. Na convivência com os outros alunos do curso percebi que todos estavam empolgados, trabalhando e dando o seu melhor durante a cobertura”, contou Bruna Lais Kuff, acadêmica do 4º período de jornalismo. Segundo Helton Costa, coordenador do curso, aproximadamente 80 alunos cobriram o evento.

Relatos dos alunos de Jornalismo

Adriano Ramos
2º Semestre de Jornalismo, 2014

A questão ambiental em *Kirikou e a feiticeira*

Adriano Ramos

O filme *Kirikou e a feiticeira* (1988) é o resultado de uma produção envolvendo a parceria entre quatro países, sendo co-participantes África do Sul, Senegal, França e Bélgica, Abordando como tema principal a falta de água em uma aldeia africana e, também, o valor que ela representa em nossas vidas.

Como personagem principal do filme tem-se um menino especial e muito inteligente, o qual nasce sozinho e falando, vencendo obstáculos e dificuldades, seu nome é Kirikou. Apesar de pequeno, busca a melhoria para toda sua aldeia e, além disso, enfrenta as ilusões determinadas pela inimiga da aldeia: a feiticeira.

Essa produção nos ensina que devemos preservar nossas fontes de água potável que atualmente são de 30% no planeta em estado líquido e 85% em estado sólido. Apresenta, também, a água como uma riqueza com valor maior que o ouro. Pena que o homem não pensa assim! Mas, como Kirikou enfrentou seus inimigos e venceu, nós podemos vencer os dominadores que pensam de formas opostas e mudar o cenário do futuro da raça humana.

Esse filme sofreu censura dos Estados Unidos por quatro anos, entretanto, quem o trouxe para o Brasil foi a marca internacional Paulinas, a qual representa uma comunidade católica e reúne editora; revistas; gravadoras; dentre outras atividades e serviços de comunicação. Voltando à descrição do enredo da mencionada produção, Kirikou é pequeno mais tem seu valor, coração valente e não teme os poderosos. “Não precisamos de ouro para viver, mas não podemos viver sem água e as pessoas que amamos”.

Em muitos lugares do continente africano e no Oriente Médio a escassez de água potável já assola as pessoas. Cerca de 2 milhões de seres humanos morrem por ano pela falta de hidratação. Por consequência, o custo da água em muitos lugares do nosso planeta já é considerado artigo de luxo. Precisamos acabar com a desigualdade e cuidar da nossa maior riqueza chamada água.

Responsabilidade civil decorrente de danos ambientais e a nova Lei 12.651/12 (código florestal)

Adriano Ramos

Quando ocorre um acidente ambiental, surgem inúmeras possibilidades para desvendar o que realmente aconteceu antes do determinado fato. O ser humano se preocupa muito em achar o culpado e não admite que errou. Além disso, na verificação dos desastres busca-se saber se houve, antes do acidente negligência, imperícia ou imprudência por parte dos envolvidos.

Todos somos responsáveis por nossos atos perante a sociedade e estamos sujeitos a penalidades em caso de descumprimento de regras. Devemos pensar no futuro fazendo a diferença no nosso meio comum, preservando a fauna e flora. O ser humano atual só pensa em retirar vantagem da natureza, visando sempre obter lucro, sendo que o primordial seria fazer acontecer para manter a vida no nosso planeta.

Neste entendimento, a Semana do Meio Ambiente teve como seu principal objetivo a conscientização do ser humano, para que este tenha responsabilidade com a mãe natureza e o preserve para as novas gerações. No entanto, na atualidade, os desmatamentos da Floresta Amazônica estão causando grandes impactos no meio ambiente, com animais invadindo os meios urbanos, clima descontrolado e a vida, como consequência, prejudicada.

Para mudar essa realidade, as leis devem ser cumpridas e a justiça deve ser mais rápida para executar processos. Desastres nucleares como de Chernobyl marcaram pessoas inocentes por anos, trazendo dor e muita tristeza. Todos merecemos uma vida com qualidade, então, não podemos deixar que, por conta da ganância de alguns, todos paguem a perda dos meios naturais fundamentais para a continuidade da vida.

No meio atual que vivemos precisamos encontrar meios de reciclar as pilhas, baterias de celular, eletrônicos e todos os materiais que podem comprometer a vida no nosso planeta amanhã. Portanto, inovações sempre devem ser bem vindas à sociedade, também atitudes de repassar o conhecimento de preservação para quem não sabe ou já possui e brinca que esqueceu.

Gestão Ambiental e sustentabilidade: desafios e oportunidade no âmbito empresarial

Adriano Ramos

Com a revolução industrial começaram os princípios de degradação do meio ambiente e das fontes naturais. O homem achava que a natureza era auto-renovável e, desde aquela época, embasava-se no capitalismo do desperdício e consumo desenfreado. Além disso, países que mais se desenvolveram causaram mais impacto no planeta.

Na atualidade, o planeta apresenta sérios problemas. O aquecimento global, derretimento das calotas polares, rios cada vez mais poluídos e o pior: continuam sendo. Em 2014, apenas 3% da água doce do planeta está apta para o consumo e países do Oriente Médio já fazem a dessalinização da água do mar para consumi-la. O Brasil é o país mais rico em fontes de água potável.

Não precisamos de adestramento ambiental, mas conscientização social acerca do sério risco que o planeta corre no futuro, embora existam programas no âmbito constitucional de vários países como o Eco92, Relatório Brundtland 1987, Agenda 21, que abordam o meio ambiente nos mencionados programas. Também são necessários subsídios para as empresas investirem mais em sustentabilidade, não visando apenas o lucro e marketing, mas o bem social. E todo investimento em sustentabilidade em uma produção tem seu retorno, é claro que não é obtido em pequeno prazo, no entanto, a preservação da vida não tem preço.

Precisamos encontrar novos estilos de viver, assim como, produzir nosso próprio alimento orgânico, cuidar do nosso meio, não importando o que o vizinho faz e, sim, o que nós fazemos. O importante é nós termos atitudes diferentes e otimistas.

Quanto mais cedo for abordado o assunto preservação ambiental para o ser humano, mais chance temos de conseguir mudar esse cenário catastrófico. Em 1961, o consumo dos recursos naturais do planeta era de 63%; em 2011, equivalia a 170% e, em 2014, a 195%. Ou seja, hoje, consumimos duas vezes a capacidade do planeta. Números pessimistas mostram que os nossos recursos, cada vez mais, estão diminuindo, por conseguinte, nunca é tarde para mudar e corrigir o que não vai bem. A Floresta Atlântica, hoje, tem apenas 7% da sua área original e a Amazônica a cada dia diminui. São problemas a serem enfrentados por todos e não por poucos.

Reciclando a Aprendizagem

Adriano Ramos

Novas estratégias no cotidiano e direcionamento focado no aprender coletivo podem mudar os pontos negativos existentes na sociedade e os positivos melhorados e desenvolvidos. Por conseguinte, cada pessoa aprende melhor de uma forma específica, por isso, devemos aprender e utilizar os sistemas de comunicação de ensino, como o sistema cinestésico, este em que o ser aprende a partir da experiência vivida.

Também, o sistema visual pode ser melhor utilizado em alguns casos e até o sistema auditivo. Mas, para saber qual o melhor sistema a utilizar devemos realizar um feedback interpessoal.

O teatro, jogos, paródias e filmes ajudam a desenvolver e descontrair, para então, encontrar o melhor caminho a seguir, sempre visando trilhar pelo desconhecido de *pês no chão*. Aprendemos muito desde crianças, mas, no entanto, esquecemos muito do que aprendemos. Podemos, então, concluir que sempre a busca do novo saber, prevalece perante a existência humana incansável a desvendar paradigmas ocultos e, ainda, desconhecidos.

Às vezes, devemos parar por segundos para rever conhecimentos, ou seja, relembrar o que já vivemos e aprendemos de positivo e que o que estes trouxeram de evolução em benefícios comuns ao saber mutável e incerto. Devemos praticar e eternamente, perseguir a melhor forma de ensinar e aprender.

Alessandro Lima
2º Período de Jornalismo – 2014

Responsabilidade ambiental em pauta

Alessandro Lima

Talvez o mundo não tenha mudado para pior do ponto de vista ambiental nos últimos 50 anos, mas, com certeza, a preocupação com este assunto atualmente é algo bem diferente do que foi nas décadas anteriores.

Meio Ambiente é o assunto do momento, da moda. Parece chique falar sobre ele e sobre os seus termos derivados. “Ser Sustentável” agrega valor a qualquer produto, instituição ou pessoa.

A preocupação do século XXI, no entanto, parece que, muitas vezes, existe apenas no campo do marketing. Talvez para correr na frente na briga mercadológica, mas muito provavelmente porque a grande maioria das pessoas não sabe, ainda, como cuidar, na prática, do mundo onde vivemos.

Esta falta de conhecimento faz com que não conheçamos as nossas responsabilidades e as responsabilidades de terceiros e foi exatamente essa a abordagem feita pelo professor Leandro Ferreira do Amaral em sua palestra, intitulada “Responsabilidade civil decorrente do crime ambiental e da nova legislação”, trazendo, obviamente, a discussão para dentro da ótica legal.

O palestrante fez uma explanação sobre o assunto usando como exemplo episódio do Desastre de Chernobyl, acontecido na Ucrânia em 26 de abril de 1986, quando, devido à equipe plantonista ter ignorado cinco procedimentos de segurança, houve vazamento de material radioativo, resultando no pior acidente nuclear da história em termos de mortes, chegando ao nível 7 – o maior – na escala de classificação de acidentes nucleares. Até hoje, a radiação no local do acidente é muito superior ao tolerável pelos seres humanos.

As informações apresentadas levaram, inevitavelmente, a uma profunda reflexão sobre a conduta humana para com o meio ambiente, sobretudo, no tocante a até onde a imperícia, a imprudência e a negligência podem desencadear eventos irreversíveis.

Desenvolvimento Sustentável e sua aplicação

Alessandro Lima

A mais técnica das palestras assistidas foi a ministrada pelo professor Paulo Henrique Fernandes de Godoy, na quarta-feira.

Com muita propriedade, o palestrante discorreu sobre o surgimento de diversos problemas ambientais e sociais, como o aquecimento global e o resultante derretimento das calotas polares, além do próprio surgimento da preocupação ambiental, ocorrida na década de 60.

O contexto político-histórico em que a palestra foi ambientada, também, foi um sucesso à parte. O professor abordou com muita sabedoria a relação dos países desenvolvidos com os em desenvolvimento. Segundo ele, muitos dos países economicamente elitizados só estão lá porque, em tempos em que não havia preocupação ambiental, extraíram todos os seus recursos naturais.

Hoje, com a questão ambiental mais debatida, o crescimento é mais lento, afinal, qualquer empresa ou país que se preocupa (ou é obrigado) a ter uma política sustentável, crescerá bem mais lentamente se comparado aos que não têm.

Uma rápida explanação sobre o Relatório Brundtland conceituou a expressão “Desenvolvimento sustentável”. Segundo o documento, desenvolvimento sustentável é “o desenvolvimento que satisfaz as necessidades presentes, sem comprometer a capacidade das gerações futuras de suprir suas próprias necessidades.”

O Relatório, que foi concebido pela Comissão Mundial de Meio Ambiente e Desenvolvimento, faz parte do conjunto de ações que existiram anteriormente à Agenda 21, que foi o principal resultado da conferência ECO92, realizada no Rio de Janeiro em 1992.

Este documento estabeleceu a importância de cada país em se comprometer a refletir sobre Desenvolvimento Sustentável, em uma espécie de acordo internacional pró-meio-ambiente.

Reciclando a aprendizagem

Alessandro Lima

Com muito bom humor e dinamismo, as professoras Francisley Pimentel e Juliana Sauerbier criaram uma sintonia bastante interessante entre o Meio Ambiente e a Pedagogia.

Através de dinâmicas que contaram inclusive com a presença de todos que assistiam à palestra, as pedagogas discorreram sobre as diferentes maneiras de aprendizagem, que variam de aluno para aluno e qual o papel que deve ser desempenhado pelos educadores neste processo.

Para reforçar os argumentos e exemplificar, um teatro foi realizado pelos alunos, que demonstraram as principais diferenças entre os aprendizes visuais, auditivos e cinestésicos.

O apelo ambiental ficou por conta do tema escolhido. Divididos em grupos, os alunos criaram apresentações sobre o livro “O Menino do dedo verde”, que em síntese, conta a história de Tistu, uma criança rica criada com todo o luxo disponibilizado pelos seus pais e que, após ser expulso do colégio, descobre um dom: o de fazer nascer vida em tudo o que tocava, graças ao seu dedo verde.

Entre teatro e paródia, as palestrantes alcançaram o objetivo da noite, que era o de despertar o sentimento de cuidado com a vida e com a natureza.

Bruna Lais Kuff
4º Semestre de Jornalismo, 2014

Admirar, ler e pensar. Segunda-feira marca o início de uma ideia

Bruna Lais Kuff

Olhos atentos e expressão atenciosa, essa foi a marca dos estudantes da Faculdade Secal que puderam contemplar a exposição de fotos feitas pelos alunos do segundo período do curso de Jornalismo. A Semana do Meio Ambiente, promovida pela faculdade contou com diversas palestras, mas o destaque da segunda-feira foi a exposição.

Expostas nas três unidades da Faculdade, as fotos mostraram a importância de cuidar do planeta. A sala dos estudantes foi dividida em grupos, e cada grupo fez uma sessão de fotos e expôs por toda instituição.

Quem passou pela Unidade II pode ver as fotos do grupo da Janaina, do Michel, do Matheus, da Audrey, do Alex, do Gilberto, do Igor, do William, do Danilo e do Ítalo.

As fotos do grupo não possuem o nome de quem as fez, somente o nome de todos ao lado, o que aguça mais a curiosidade de quem viu, tornando-as ainda mais especiais.

Elas retratam a falta de interesse com a sustentabilidade a falta de responsabilidade da população para com o tema. Lixo espalhado pelas ruas, torneiras abertas, mangueiras jorrando água sem necessidade e queima de combustível poluente, tudo isso de forma criativa e interessante, fazendo com que a semana do meio ambiente começasse agitada, e como eles mesmos enfatizaram na exposição: “É o que temos”.

Já na Unidade III, o grupo de estudantes que expôs por lá fez diferente: cada foto além do autor, continha uma frase, como complemento da imagem. Legendas que, além de enfatizarem a foto, chamavam atenção para a preservação do planeta. Chamou à atenção a foto “Preservar a água é preservar a vida”, da autora Jéssica Amanda. Nela, uma torneira desperdiçava água. Já uma enorme ponte, no final da tarde, mostrada na foto de Kleber Fernandes, continha a seguinte legenda “Na natureza nada se perde, tudo se transforma”.

Enquanto as exposições das fotos dos alunos do segundo período de Jornalismo encantavam a todos pelos corredores da Secal, as palestras e oficinas aconteciam em sala.

O mestre e professor, Leandro Ferreira do Amaral, advogado e egresso da Secal, ministrou a palestra que fala sobre Responsabilidade civil decorrente de danos ambientais, além da nova Lei de número 12.651 do ano de 2012.

Leandro explicou aos presentes em sua palestra quais os parâmetros da nova lei, e todas as etapas e denominações de quem comete uma infração contra o meio ambiente. Foram tratados termos como Negligência (deixou de fazer, omitiu problemas); Imprudência (cometeu infração, mas não sabia do risco ou problema) e Imperícia (sujeito não foi capacitado para desempenhar determinada função e decorrente disso, cometeu infração).

O professor, ao final da palestra, também, mostrou graves acidente ocorridos no mundo, por conta de falha humana. Acidentes que causaram verdadeiras devastações nas áreas atingidas, como o de Chernobyl na Ucrânia no ano de 1986 e mesmo no Brasil, o acidente Radiológico de Goiânia (Césio 137) que também causou sérios problemas de contaminação a população em 1987.

Na oficina dois, a professora Luzia Rita Chincoviaki ensinou aos presentes, as Estratégias de leitura e escrita. A professora trabalha há dez anos na instituição, com o curso de Letras. Ela iniciou a oficina citando uma frase de Rubem Alves: “Escrever é o meu jeito de ficar por aqui”.

Depois da citação do autor, Luzia enfatizou o texto dizendo que as palavras ganham vida. Quanto mais se lê, a sua escrita conseqüentemente se transforma. Na escrita, ela mostrou as etapas necessárias para a criação de um texto, desde o tema até a construção das ideias, o texto ideal deve conter começo, meio e fim. Ao final da oficina, Luzia mostrou um vídeo em que mostra, com simples roteiro, a importância das palavras na vida das pessoas: “a palavra nos move”.

Olhares e olhares de uma sociedade ainda em evolução

Bruna Lais Kuff

Risos e sorrisos: descontração foi a palavra que moveu a terça-feira de oficinas e palestras, no segundo dia da semana do Meio Ambiente, promovida pela Faculdade Secal. Apesar da mudança de sala e do atraso na oficina, Marcos Antônio Kepp não deixou isso minar a discussão e logo entrou no clima dos alunos presentes. Como ele mesmo disse, tratar sobre “Um olhar Sobre a diversidade sexual e religiosa” é algo que gera polêmica e opiniões diversas.

Mesmo que o tema seja complicado, ele foi tratado de maneira divertida e interessante. No início da oficina, Marcos enfatizou um grande defensor dessas causas e doutorando em Educação na área de Educação Sexual: Toni Reis.

A religião foi o primeiro tema a ser discutido. Religião, como significado de palavra, é religar, unir pessoas e seres humanos através de um fim, mas a pergunta do professor foi: se a religião tem exatamente essa função, unir seres humanos, por que algumas religiões, ou a maioria delas, condena a diversidade sexual?

Através dessa pergunta, iniciou-se a discussão sobre a Bíblia como sendo um importante livro que conta a história de diversos povos do mundo, as mudanças que esse livro sofreu, principalmente, na hora das traduções para diversas línguas.

Mas, o ponto principal da palestra foi que os diversos olhares para diferentes temas, como religião, não se discutem. Segundo o palestrante, concordar com a opinião contrária não é algo necessário, mas respeitar isso, respeitar que existem diferente olhares, diferentes modos de se viver é algo que todos devem fazer. Para a diversidade sexual, a criminalização de certos atos, como violência e preconceito, é um grande passo a ser dado em nossa sociedade, que para o professor, é algo que já foi iniciado, mas, a luta deve continuar.

Educar para o futuro

Bruna Lais Kuff

Como fazer uma criança entender que lugar de lixo não é no chão? Educar para a sustentabilidade. A quarta-feira de oficinas e palestras da Semana do Meio Ambiente da Faculdade Secal mostrou, principalmente, aos alunos do curso de Letras, como um professor deve agir e conduzir seus discentes para um olhar sensível em respeito à natureza. A palestra de “Educação Ambiental e Metodologia de Trabalho de Campo”, ministrada pelo professor Paulo Rodigheri Melek, mostrou que o docente deve conduzir o aprendiz a desenvolver um senso crítico, a fim de resolver os problemas no futuro.

Ele defende que o educador deve encontrar diferentes formas e caminhos para levar até o aluno o desenvolvimento desse senso. Paulo mostrou também algumas conferências que ocorreram pelo mundo, e também no Brasil, a fim de discutir a sustentabilidade e buscar saídas para salvar o planeta.

Para o Ministério da Educação (MEC), o auxílio para esse tipo de conscientização dentro da educação é importante e já permeia para mais ensinamentos específicos nas escolas de todo o Brasil. O professor contou também que, dentro do Paraná, todas as escolas devem inserir a Educação Ambiental.

O final da palestra foi voltado especificamente aos alunos do curso de Letras. Como no futuro eles serão os professores em sala, Paulo deu dicas de como conduzir os educandos a esse método de ensino dentro da Educação Ambiental, com práticas de campo, levando-os a lugares em que eles possam ver tudo o que a professora ensinou em sala sobre o meio ambiente.

Para o professor palestrante, todas as etapas da metodologia do trabalho de campo (antes, durante e depois) devem ser seguidas, tornando assim, o labor mais eficaz.

Papel das empresas para a sustentabilidade

Bruna Lais Kuff

Quinta feira foi a vez dos alunos do curso de Administração ouvirem a palestra da chefe geral da Bicarbrás (parte do grupo Hübner), Janete Von Zschau, sobre as “Boas práticas ambientais e energias renováveis”.

A palestra iniciou-se sobre como é e o que é a Bicarbrás, uma empresa renovável e que se preocupa com o meio ambiente, aproveitando tudo o que a maioria das pessoas jogam fora, e transformando em algo utilizável. Janete mostrou aos alunos a diferença entre renovável e reaproveitável.

O tipo de energia renovável é aquele que nunca acaba. A palestrante citou como exemplo o vento e aproveitando a explicação, mostrou os diversos tipos de energias produzidos no mundo: energia elétrica, energia solar, energia nuclear, energia eólica e energia hidráulica.

Ao final da palestra, Janete terminou explicando a denominação e o que significa Sustentabilidade: “não comprometer os recursos naturais para a geração futura”.

Cléo Pereira
4º Período de Jornalismo – 2014

Responsabilidade civil decorrente de danos ambientais

Cléo Pereira

Os chamados crimes ambientais e sua responsabilização são relativamente novos na legislação brasileira. O Estado até poucos anos atrás não era responsável por danos ao meio ambiente. Era, antes irresponsável. Se havia danos a terceiros, o Estado não se responsabilizava; era o terceiro que estava no lugar errado. A Lei 12.651/2012 veio para corrigir essas lacunas ou a falta de responsabilização do Estado e das empresas ou mesmo do indivíduo nas questões ambientais.

Para o palestrante Leandro Amaral, o que é mais importante dessa lei é que a mesma prevê a responsabilização mesmo que os critérios de culpa ou dolo não sejam comprovados; o que vale é que se houve um desastre ambiental haverá responsabilização. As empresas que atuam em áreas poluidoras têm sido, com sucesso, responsabilizadas por eventuais danos ao meio ambiente.

Ao citar o acidente de Chernobyl, Leandro lembrou que a omissão e negligência foram fundamentais para que o acidente ocorresse. Pelo menos seis regras de segurança foram quebradas naquela fatídica noite de abril de 1986, em que homens conhecedores de suas funções e responsabilidades, resolveram fazer um teste que resultaria na morte de milhares de pessoas e na deformidade de outras tantas das gerações subsequentes ao acidente.

“No ano de 1986, os operadores da usina nuclear de Chernobyl, na Ucrânia, realizaram um experimento com o reator 4. A intenção inicial era observar o comportamento do reator nuclear quando utilizado com baixos níveis de energia. Contudo, para que o teste fosse possível, os responsáveis pela unidade teriam que quebrar o cumprimento de uma série de regras de segurança indispensáveis. Foi nesse momento que uma enorme tragédia nuclear se desenhou no Leste Europeu. Entre outros erros, os funcionários envolvidos no episódio interromperam a circulação do sistema hidráulico que controlava as temperaturas do reator. Com isso, mesmo operando com uma capacidade inferior, o reator entrou em um processo de superaquecimento incapaz de ser revertido. Em poucos instantes, a formação de uma imensa bola de fogo anunciava a explosão do reator rico em Césio-137, elemento químico de grande poder radioativo”².

²Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/historia/chernobyl-acidente-nuclear.htm>>. Acesso em: out. 2014.

A cidade ucraniana de Pripjat teve sua população devastada pelas mortes e deformações genéticas decorrentes da contaminação. Depois de 25 anos, ainda estão nascendo crianças com graves problemas genéticos, os quais são resquícios da contaminação de seus antepassados³.

Lembrando que nós, no Brasil, sofremos uma tragédia em 13 de Setembro de 1987, em Goiânia no estado de Goiás, em que mais de 600 pessoas foram contaminadas por Césio 137, das quais, quatro morreram e centenas ficaram doentes⁴.

Não há lei capaz de prevenir acidentes ou garantir indenização que possa compensar o estrago e as vidas ceifadas precocemente. O que a lei pode e deve assegurar é a justa punição daqueles que por negligência causam destruição ao meio ambiente e às pessoas. A Lei nº.12.651 de 2012 veio de encontro a esse anseio de sociedade brasileira. Não resolve os problemas, mas, cria um dispositivo legal que pode assegurar maior rigor na apuração dos crimes ambientais.

³ Disponível em:<<https://www.youtube.com/watch?v=BygxeniXsOY>>. Acesso em: out. 2014.

⁴ Disponível em:<<https://www.youtube.com/watch?v=hP-8D-YglDo>>. Acesso em: out. 2014.

Edivaldo Ribeiro
2º Período de Jornalismo – 2014

Política Ambiental

Edivaldo Ribeiro

A palestra assistida intitulava-se: Responsabilidade civil decorrentes de danos ambientais e a nova Lei 12651/12 do Código Ambiental.

No que se refere ao conhecimento, sobretudo, o que envolve os significados das siglas, códigos, artigos e afins, esperava-se o óbvio, pelo menos foi o que ocorreu logo no início da palestra. A concentração era total dos ouvintes que, em sua maioria, desconhecia o tema abordado. Éramos leigos sobre o assunto e estávamos na expectativa. A linguagem estava em uma roupagem diferente do que realmente os profissionais da área costumam usar em seu dia-a-dia.

O palestrante Leandro Ferreira do Amaral chamou a atenção nesse ponto, pois, a sua desenvoltura em dissecar o tema para seus ouvintes era notável. Houve a preocupação de simplificar a ideia toda. Leandro é professor com formação em Letras e Direito, daí a sua facilidade no domínio e na transmissão do assunto.

Após alguns esclarecimentos sobre as simbologias dos termos, a palestra seguiu com a seguinte pergunta: o que é responsabilidade civil?

Talvez o bom cidadão, que vive em “harmonia” com a sociedade, nunca chegue a entender o significado dessa pergunta, pois não está habituado a quebrar regras, embora, a busca desse significado seja parte de sua participação ativa de bom cidadão. Há pessoas que devido à má conduta, chegam fácil a resposta dessa pergunta, devido justamente a irresponsabilidades de suas ações. A justiça existe para julgar, botar em prática as normas existentes no Código Penal. Sempre que existir algo, ou uma pessoa prejudicada e se houver um culpado na história, ocorrerá a situação da responsabilidade objetiva.

Se o cidadão é negligente, se em alguma situação agiu com imprudência, ou, por imperícia causou algum dano à sociedade, caberá arcar com as consequências, enquadrando-se na verificação de culpa, ou seja, na responsabilidade civil.

O palestrante estendeu-se por várias explanações da área penal. Para finalizar, o professor citou um dos maiores desastres ambientais cometidos pelo homem em decorrência de sucessivas combinações de erros. O desastre nuclear ocorrido na Usina Chernobil, em abril de 1986, que ceifou dezenas de vidas e deixou sequelas significativas nas gerações posteriores.

Reciclando a aprendizagem

Edivaldo Ribeiro

A turma estava animada. Um rapaz com uma peruca azul andava de um lado para o outro, encenando, fazendo peripécias com o enredo inusitado. Seus colegas de peça não ficavam atrás, cada um com uma característica própria, empenhados na representação de seus personagens, os quais foram criados quinze minutos antes. O fato é que tanta improvisação deixou a história e os próprios personagens, um pouco confusos. Nada que tirasse a predisposição dos atores amadores, que, com certo afinco, arrancavam gargalhadas das pessoas que estavam ali presentes. O teatrinho inventado foi um sucesso e a personagem principal foi com toda a certeza a improvisação.

A interatividade com alunos foi um dos temas centrais da palestra, ministrada pelas professoras Juliana Sauerbier e Francisley Pimentel Fagundes. É preciso ter dinamismo e, para isso, foi feita uma demonstração de como se portar em sala de aula. A palestra era de cunho pedagógico, nela foram abordadas técnicas de ensino; as palestrantes orientaram sobre os meios que facilitam a aprendizagem dos estudantes.

Foi possível constatar que, para aprender, não é preciso utilizar-se de atividades maçantes, existem maneiras divertidas de ensinar, fazendo assim, do aprendizado uma atividade prazerosa. Como por exemplo, um pequeno texto no estilo “*Quiz*”⁵. A aprendizagem pode ser dividida em três tipos: Visual, Auditiva e Cinestésica.

As palestrantes ressaltaram a importância da teoria ligada à prática. Reciclar a aprendizagem é dar vivacidade a objetos, representar, transmitir o mundo teórico de forma interativa, com cores, sons, sinais, sem deixar de desenvolver as relações interpessoais de cada um. A aprendizagem é um processo constante de mudanças, que se adaptam conforme aquilo que o orientador deseja.

A palestra chegou ao fim com pequenos grupos produzindo textos, utilizando-se de jogos visuais, paródias e mensagens.

⁵Questionários que têm por objetivo fazer uma avaliação de uma quantidade grande de pessoas, com respostas que pode ser “certo” ou “errado” para chegar a um resultado geral.

Ítalo Moraes
2º Período de Jornalismo – 2014

Quando fomos atores

Ítalo Moraes

Um certo dia, “aquele” nos pronunciou o que estaria por vir nas próximas tarefas da escola. Tratava-se de um evento que envolveria todas as cátedras em que seriam ministradas palestras com temáticas advindas dos mais diferentes setores. A Semana do Meio Ambiente moveu toda a instituição durante os primeiros dias do mês de outubro de 2014. Porém, somente o Curso de Jornalismo que não teria palestrantes para seus alunos estaria convidado para oficinas, com professores liberando alunos para uma roda de conversas sobre o futuro do planeta. Teve mais do que isso.

Enquanto “aquele” explicava o que aconteceria; pausando a cada indagação; aos olhos dos “outros” com lástima atenção; os “novos” estavam se digladiando entre si para escolherem os melhores setores dentre os mais diversos interesses. Tinha a “galera do mal” que só queria "estar fazendo". Tinha a “galera do rádio” que só queria estar no rádio. Tinha a “galera do deixa disso” que só queria ajudar. Tinha de tudo. Estavam reunidos numa só organização todas e todos, sem distinção de raça, credo ou cor.

Os “outros” também estavam com cara de espanto, como a de boa parte dos “novos”. A mistura daquela receita, muitos não conseguiram ver e não conseguirão. Ao fim deste, eu conto o meu entender.

Vamos para os trabalhos da semana que começaram com os “novos” tentando de forma entusiasmada acertar uma, seja no texto, no rádio, na foto. Muitos tinham práticas da vida e do seu dia a dia laboral. Mas, ali, funcionava a retórica famosa de Sócrates como pensado à sua vida inteira, sobre o prisma da dialética. E nunca os “novos” estavam tão contentes, evidentemente por deixarem a teoria de lado e ir a campo.

A escola estava mais uma vez feliz pela volta da harmonia coletiva retumbante. Todos eram felizes novamente. E com a esperança retomada a cada dia de trabalho. Fomos aos poucos vendo os erros e acertos a cada dia. Os “novos” interagiam entre si de forma harmônica e quase sempre civilizada. Nada diferente do que era para ser. Uma verdadeira Agência de Notícias.

Ao passo que a semana passava se coletavam mais e mais imagens, falas, fotos. Arquivos subiam para o universo gigantesco que é a internet e agora poderiam ver a produção seleta daquele grupo de indivíduos buscando um espaço no meio jornalístico.

Quem não foi feliz nessa semana poderá, com a promessa daquele, ser feliz outrora com um novo cargo a exercer. A promessa é de que novas coberturas jornalísticas virão e todos poderão participar de tudo, ou quase, ou não, isso dependerá de cada um. Mas a iniciativa estava lançada e fez com que entendêssemos o ponto principal onde quero chegar.

O verdadeiro sentido da nova academia estava se lapidando ali. A interdisciplinaridade era vista perfeitamente, ou quase, em sua totalidade. Todos somando para uma coisa só, trazendo seus conhecimentos para um objetivo em comum. Sejam os “novos” ou os “outros”, o importante é ser ator, nunca espectador, pelo menos no nosso caso, estudantes ou professores de jornalismo.

Janaina Lohmann
2º Período de Jornalismo – 2014

A relação Homem *versus* Natureza na Literatura: as visões de Camões, Melville, Hemingway, Pessoa e Camilo Castelo Branco

Janaina Lohmann

O conflito do homem com a natureza sempre foi um tema presente na literatura universal, desde os seus primórdios, com o conceito de que a natureza diz respeito ao mundo físico.

Na antiguidade, a presença do Paganismo era mais forte comparada aos dias atuais. Os pagãos têm a ideia de “mãe natureza”, termo que foi expressamente criticado pela Igreja Católica, que considerava o termo abusivo e impróprio, pois mãe é quem cria, e em sua crença a natureza não criou nada, mas sim, foi criada.

O cristianismo respeita a natureza, porém, ela assume a figura de irmã, essa é a linha de pensamento de São Francisco de Assis no “Cântico do Irmão Sol” e, também, de Hemingway em seu romance “O Velho e o Mar” (1952). Romance este que acabou se tornando uma das obras mais famosas do escritor norte-americano. O autor disserta no livro inteiro diretamente sobre a relação do homem com a natureza, chegando à conclusão de que o homem pode vencer o homem, mas, o homem não pode vencer a natureza.

Uma das vertentes do monoteísmo é o antropocentrismo. Essa última considera a natureza submissa ao homem. E, também, é a visão interpretada em Camões em “Os Lusíadas” (1578), de Fernando Pessoa no poema “O Mostrengo” e de Herman Melville em “Moby Dick” (1851).

No livro, Camões narra a viagem da esquadra comandada por Vasco da Gama e descreve o Gigante Adamastor, que representa a natureza, como um monstro, cujo qual reconhece a audácia dos portugueses. No poema, o mostrengo é descrito da mesma maneira.

Para Pessoa, o homem e sua cultura se impõem e vencem a natureza através da ciência e da coragem. Já “Moby Dick” é um romance que narra a história de um caçador de baleias, que acaba perdendo uma das pernas e passa sua vida inteira perseguindo a baleia. Quando ele a encontra, tenta matá-la, mas ela acaba matando todos os tripulantes do bote. Nesse caso, a baleia personifica a natureza e é descrita em aspectos e proporções monstruosas. Resumindo, a visão de Melville, se o homem enfrentar a natureza, o homem sempre perderá.

Um caso à parte acontece no livro “Coração, cabeça, estômago” (1861), de Camilo Castelo Branco. Nele, o protagonista sofre uma desilusão amorosa, e procura uma floresta para que a natureza o console, porém, começa uma ventania e ele acaba perdendo seu chapéu.

Partindo para Filosofia, a frase mais conhecida desse eterno conflito é “o homem é o lobo do homem”, de Thomas Hobbes. Deixando explícito seu pensamento de que a natureza é precária, a cultura e a ordem são essenciais. Jean-Jacques Rousseau, considerado um dos principais filósofos do iluminismo e precursor do romantismo, tem uma visão completamente contrária à de Hobbes. Ele criou o “Mito do Bom Selvagem”. Neste, a natureza é boa e a cultura é quem perverte e corrompe o homem. O Romantismo possui a influência clara de Rousseau.

O conflito homem x natureza não acontece somente na Literatura e na Filosofia, ele está presente na sociedade contemporânea. O homem mantém uma relação estritamente capitalista com a natureza, uma prova viva (ou nem tanto) é o desequilíbrio ambiental. Mas, ainda é possível modificar essa realidade e o único caminho é a sustentabilidade.

Construção de cenas teatrais através dos principais dramaturgos

Janaina Lohmann

O estudo do teatro é constituído de muita teoria e algumas questões práticas. Seguindo a linha, independentemente da peça, é sempre constituída de dois personagens principais: o dramaturgo e o encenador.

O dramaturgo é o autor teatral, aquele que escreve a peça de teatro. O encenado também pode ser dramaturgo. É um profissional com formação e informações adequadas para criar as estéticas, as possibilidades e decidir como quer construir a cena de teatro.

Entre os principais dramaturgos e encenadores teatrais estão: Augusto Pinto Boal, Miguel Falabella, Nelson Rodrigues, Bertold Brecht, Robert Wilson, Constantin Stanislavski, Jerzy Grotowski e Antonin Artaud.

Bertold é alemão, foi um dramaturgo, poeta, romancista, encenador, teórico e cineasta. Face à situação de guerra do seu tempo, sua metodologia busca novos conteúdos. Teatro de reflexão e intervenção que deu origem ao teatro épico, gênero de teatro didático que se caracteriza sobretudo pela fabulação e pelo efeito do distanciamento. O espectador não deve ser arrastado emocionalmente, não uso da quarta parede.

Constantin Stanislavski é da ideia de que o consciente do ator deve atuar sob o inconsciente. Não aos estereótipos, às imitações, aos efeitos fáceis e à falsa emoção, utilizar a verdade cênica. A cena não é verdadeira, mas, se fosse, eis o que eu faria, eis como reagiria frente aos acontecimentos. Existência da quarta parede (parede imaginária que separa a cena do público). Fazer que o espectador acredite na cena, uso de memória emotiva, bagagem de vida.

Grotowski é o criador do teatro “pobre”, que se baseia fundamentalmente na relação ator/espectador. Propõe um teatro sem artifícios, na qual seria abolida a maquiagem, a indumentária, a cenografia, a iluminação, qualquer tipo de efeito de som e música e até mesmo o espaço reservado a representação.

Artaud é francês, foi um ator, escritor e encenador ligado ao movimento surrealista. A linguagem está ao mesmo nível da importância dos cenários, dos gestos, das atitudes e da música. O espetáculo dramático deveria retornar ao verdadeiro sentido de sua função sagrada e realista. Adepto da teoria da catarse teatral, que, segundo Aristóteles, refere-se à purificação.

Augusto Pinto de Boal é brasileiro, morreu em 2009, ele foi engenheiro químico, diretor teatral, encenador e dramaturgo. Fundador do teatro do oprimido, que atua o teatro à ação social, técnicas e práticas difundiram-se pelo mundo; notadamente, nas três últimas décadas do século XX, sendo largamente empregadas não só por aqueles que entendem o teatro como instrumento de emancipação política, mas, também, nas áreas de Educação, Saúde mental e no Sistema prisional.

Júnior Batista
4º Período de Jornalismo – 2014

Práticas pedagógicas a partir das questões ambientais

Júnior Batista

Como falar de efeito estufa, meio ambiente, degradação ou conservação, sem comparar com o nosso meio ambiente que estamos inseridos na palestra? O auditório estava sem ventilação natural, sem ar-condicionado e, quando se apagaram as luzes, os ventiladores de ar, forçados, simplesmente, pararam em uma sala super lotada...

Como passar algo de qualidade nestas condições? E como competir com o “melhor amigo” que está no seu bolso: o celular?

As pessoas se aglomeram para receber o conhecimento por imposição (grande parte) ou para aprender, esse conhecimento que vem de uma pessoa capacitada, que seja por estudos ou pela vivência e é muito injusto não ter a atenção esperada.

O palestrante foi um guerreiro persistente tentando competir com a tecnologia de hoje, tentando amenizar as condições climáticas de dentro da sala através do conhecimento, mas é uma luta de forças desiguais.

Faz parar e repensar como podemos mensurar o efeito destas atividades da Semana de Meio Ambiente nas pessoas, com um ambiente hostil, que apesar dos esforços, entretenimento e histórias que o palestrante faz, não consegue a atenção por muito tempo da plateia, ainda mais com o “efeito estufa” do auditório e um mundo de informação no seu bolso.

O compromisso de aprendizado é de cada um e é fornecida a água, mas, quem mata sua sede é você próprio, ninguém vai beber da fonte por você.

Kemilly Corrêa
2º Período de Jornalismo – 2014

Relação homem natureza

Kemilly Corrêa

Começaram na segunda- feira, 6 de outubro, várias palestras com temas diferentes. O professor Edenilson Mikuska apresentou, para o curso de Pedagogia, a relação do homem com a natureza.

Um dos assuntos tratados foi a natureza no Paganismo, mostrando a força que a mesma possui, sendo toda a natureza viva e sagrada devendo ser admirada, respeitada e preservada pelos seres humanos.

No cântico do “Irmão Sol” colocado na palestra, demonstrava a grandiosidade da natureza representada pelo Sol e sua força. Outros elementos naturais tais como o vento, o ar, lua, estrelas foram citados, todas com suas representações de belezas.

A natureza expressou profundo fascínio em escritores na época do Romantismo, a qual também era demonstrada em toda sua nobreza. O professor contou que Rousseau foi um filósofo que acreditava que o homem era bom naturalmente, que a natureza era como um sentimento interior; ele via natureza em tudo e em todos os sentidos.

Enquanto homem e animal (representação da natureza), o homem tem a capacidade de pensar, acumular ideias, pensamentos e experiências, criando assim, a cultura, esta sendo o conjunto de valores e conhecimentos obtidos ao decorrer do tempo e transmitidos de geração em geração. Em comparação, é alegado que os outros animais que vivem na natureza não têm a mesma capacidade do homem, e que eles agem de acordo com o seu instinto, que seus atos são provenientes de situações de tal momento.

A natureza pode ser considerada um conjunto de tudo que a cerca, independente do homem, pois, ela existente não graças a ele, e sim, pela sua própria existência antes mesmo do homem. Em um dos vídeos apresentados na palestra, era clara a relação do homem e natureza na forma bruta, de um homem querendo se vingar cruelmente de uma baleia, a mesma que arrancou sua perna, no final deste vídeo, o personagem consegue o que tanto almejou durante sua vida, ficar cara a cara com o animal no seu último suspiro de ódio, nesse caso, a baleia sendo a representação da natureza bruta.

Já em outro vídeo, um homem que não conseguia pescar há tempos, foi para o mar na esperança de levar peixes para sua casa, logo, conseguiu fregar um peixe de cinco metros. Com

muita dificuldade, ele consegue amarrar o mesmo ao barco, mas tubarões se aproximaram e comeram o peixe capturado. Voltando para sua casa, ao sair do mar, apenas com o esqueleto do peixe de cinco metros amarrado ao barco, todos ficaram admirados com o tamanho do peixe pescado, mesmo naquelas condições. Isso seria a representação de força entre o homem e a natureza.

Concluindo a palestra, foi levantado o ponto sobre o homem se considerar acima da natureza, por ser um ser que tem capacidade de pensar e criar coisas, porém, sua força, na maioria das vezes, é inferior à força que a natureza possui. Entretanto, essas diferenças não seriam explícitas se entre os dois seres, homem e natureza, houvesse o respeito, principalmente, se o homem, um ser pensante e racional, tivesse a consciência de que sem a natureza a vida é impossível.

Poluição por uma vaca

Kemilly Corrêa

No dia 8 de outubro, houve, nas Faculdades Secal, a apresentação inusitada. Entrou na sala uma moça vestida de vaca, sendo que esta personagem principal era chamada de Godofreda e esta logo começou a contar uma história.

A vaca e suas amigas eram acusadas pelo homem de serem as culpadas pelo aquecimento global, soltando seus gases, poluindo assim, o ar. Godofreda teve a ideia de fazer greve de comida; como consequência, elas não teriam o leite para oferecer às pessoas. Mas, suas amigas ficaram apavoradas com o artifício de terem que ficar sem comer.

A história foi breve e encerrou quando as vacas perceberam que os verdadeiros culpados são os seres humanos, soltando tantos gases tóxicos, poluindo o ar e ao planeta, a Terra em geral. Os gases soltados por elas eram inofensivos ao meio ambiente. Dando à conclusão que as pessoas deveriam ter consciência de que seus atos podem trazer consequências graves ao meio em que vivem.

Práticas sustentáveis

Kemilly Corrêa

No dia 9 de outubro, quinta-feira, a palestra ofertada pela Faculdade Secal teve como assunto a BRF - Brasil Foods, uma empresa proveniente da junção da Perdigão com a Sadia. Foram apresentadas práticas sustentáveis aderidas pelas empresas deste grupo, que além de obterem lucros, têm uma grande preocupação e cuidado para com o meio ambiente.

Uma das suas atividades para a cooperação com a natureza é fazer o tratamento da água contaminada e, até mesmo, suja antes de ser lançada no rio. E o aquecimento da caldeira para o funcionamento da fábrica é feita pela plantação de seus próprios eucaliptos, sendo replantados constantemente.

Eles têm o cuidado com a separação do lixo, entre os mais perigosos, tais como óleos, seringas, produtos químicos, lâmpadas, até os que não oferecem tanto perigo. Existe também um projeto chamado “Atitude Ambiente” que visa na coleta de lixo das empresas das proximidades. Esse projeto é todo regularizado e fiscalizado arduamente mantendo assim, a ordem.

Foi enfatizada ainda a maneira como o lixo é descartado e como pode ser reciclado de maneira correta, pois, o lixo ocorre de maneira constante durante as produções. Por exemplo, na produção de um certo alimento, se algo der errado, automaticamente, vira lixo.

Preocupados com o meio ambiente, a empresa mostrou o cuidado e seu empenho investindo em uma máquina própria para a reciclagem, máquina esta em que cada lixo descartado é separado de maneira correta. Mais duas máquinas estão em teste, o sistema de bio-filtro e o roto acelerador, isso tudo mostrando que a empresa tem consciência que atitude para a preservação da natureza é responsabilidade de todos.

Matheus Cuccia
2º Período de Jornalismo – 2014

Novo olhar para a religião e a sexualidade

Matheus Cuccia

A oficina “Diversidade religiosa e sexual”, ministrada pelo professor Marcos Antônio Kepp, durante a Semana do Meio Ambiente, promoveu discussões sobre tema de extrema importância para a sociedade atual: a “briga” entre religião e homossexualidade. Assuntos como a idade da Bíblia, a base da religião, identidade de gênero, tabus, fundamentalismo e família foram citados de forma minuciosa para o desenvolvimento dessa discussão.

Começando pela diversidade religiosa, é sabido que existem inúmeras religiões no mundo, e que cada uma possui suas ideologias, seus conceitos, suas práticas e afins. Um dos focos da oficina foi exatamente isso: mostrar que existe essa diversidade, e que tal diversidade deve ser respeitada através de um “novo olhar”. Como lidar com essa diversidade é algo que o ser humano, como um todo, tem dificuldade, e o ponto chave é a emoção; afinal, o preconceito é gerado por emoções.

Pulando da generalização para algo mais específico, o cristianismo é notório por ser uma das maiores religiões do mundo. Sua base está na Bíblia, um dos livros mais vendidos de todos os tempos. E, aí, entra outro ponto importante da palestra: a linguagem da Bíblia. Existem pessoas que interpretam seus textos como algo literal, quando trata-se de uma linguagem metafórica, em que a interpretação pode ser diversa. Adjunto a isso, foi citada a idade da Bíblia. Ela foi escrita há mais de 3 mil anos, e foi traduzida e interpretada por diversas vezes, embora haja relatos de não haver nenhuma modificação entre a versão mais antiga encontrada hoje nas bibliotecas e a versão atual.

Por conseguinte, entrou em discussão o tema sobre a diversidade sexual e sua relação com a religião. Como disse no segundo parágrafo, existem diversas religiões no mundo e todas devem ser respeitadas; o mesmo vale para a sexualidade, todas devem ser respeitadas. Pelas palavras do professor, “o ato de concordar é diferente do ato de respeitar”. E agora em relação à religião, foi citado durante a palestra o 9º decálogo da Bíblia, “Não desejarás a mulher do próximo”, que reforça o fato da Bíblia ser metafórica e antiga, pois não só a mulher, poderia ser um homem como o próximo, poderia referir-se à uma próxima. Prosseguindo, ainda no tema da diversidade sexual, houve a citação da Escala de Kinsey, que utiliza de números entre 0 e 6 para descrever o comportamento sexual de uma pessoa: 0 sendo heterossexual; 3 bissexual e 6

homossexual. Com a letra X definindo os assexuados, não havendo uma definição para a transexualidade. Para finalizar, foram feitas menções com relação aos tabus da diversidade sexual, focando-se na parte que se refere à família tradicional, isto é, enquanto a família tradicional é aceita e respeitada por todas, as famílias que fogem dessa “tradição” – os homossexuais, não são aceitos e respeitados da mesma forma.

Enfim, esse é um tema que, como afirmei no primeiro parágrafo, é de extrema importância para a sociedade atual, e pelo que pude compreender na oficina, a sociedade tem abandonado seu preconceito cada vez mais, independentemente de sua religião.

Importância do Teatro na Literatura

Matheus Cuccia

Qual a importância da dramaturgia para os profissionais de Letras? Foi a pergunta chave da oficina “Construção de cenas teatrais através dos principais dramaturgos”, realizada pelo professor Sérgio Borges durante a Semana do Meio Ambiente. Aqui, o foco do professor foi não só mostrar como a dramaturgia pode ter um grande papel no ensino da Língua Portuguesa, como também, a importância de diversos dramaturgos para a literatura geral.

A oficina foi dividida em duas partes: a primeira focando-se na teoria e a segunda focando-se na prática. Acredito que o leitor se perguntaria: prática? Afinal, estamos falando de uma oficina de Letras. Sim, prática. Um dos pontos principais da palestra foi mostrar como a encenação pode ser realizada por qualquer pessoa, e de maneiras diferentes. Mostrar que a pessoa precisa se desprover de preconceitos para atuar.

Mas, tocarei nesse assunto depois. Inicialmente, o professor Sérgio Borges quis explicar a diferença entre dramaturgo e encenador. Enquanto o dramaturgo é aquele que apenas escreve, o encenador é aquele que, claro, atua. A partir daí, foram citados, através de slides, diversos dramaturgos e encenadores que tiveram um papel importante no Teatro e na Literatura. Estéticas teatrais citadas incluem o Teatro Épico de Bertolt Brecht, em que o foco está na reflexão; a Verdade Cênica de Constantin Stanislavski, definida como algo inexistente que poderia existir; o Teatro Pobre de Jerzy Grotowski, que foca na interação com a plateia e tende a eliminar o que é desnecessário; a Catarse Teatral, o Teatro do Oprimido, etc. Por fim, foi exibida uma cena do filme Olga, em que a mencionada catarse teatral é demonstrada com excelência.

Seguindo para a parte prática, foi realizada uma atividade de leitura branca em que a sala foi dividida entre três grupos e papéis com histórias de Bertolt Brecht e Stanislavski foram distribuídos. Cada grupo deveria utilizar dessas histórias para atuar de uma forma simples, apenas com a leitura. O intuito da prática, acredito, era mostrar a diferença das estéticas teatrais de Brecht e Stanislavski. Enquanto os dois primeiros grupos, com a história de Brecht, focavam-se na simples leitura da história, com cada pessoa fazendo um papel e todos fazendo o narrador, o terceiro grupo possuía apenas um narrador, enquanto as outras pessoas representavam os personagens da história através do improviso.

De grande diversão e importância, a oficina encerrou dessa forma, mostrando que o Teatro pode ter uma forte ligação com a Literatura, tanto através da dramaturgia quanto da encenação.

Leitura e escrita como parte da vida

Matheus Cuccia

Luzia Rita Chincoviaski ministrou, durante a Semana do Meio Ambiente, a oficina sobre Estratégias de leitura e escrita. Seu foco foi mostrar aos acadêmicos de Letras o porquê da escrita ser tão importante, além de apontar razões para a dificuldade que temos com a escrita, sua distinção da fala, a diferença entre autor e escritor, etc.

De cara, a professora citou Rubem Alves, falecido escritor e teólogo que, segundo ela, tinha o poder de eternizar as palavras. Fez-me refletir. Acredito que as palavras são, a todo tempo, eternizadas. Imagine isso como um pedido de desculpas. Ele é usado para mostrar arrependimento por uma ação, independentemente de ser física ou verbal. No entanto, uma vez que, por exemplo, alguém ofende outro alguém, mesmo depois desse pedido de desculpas é muito difícil que as palavras ofensivas sejam simplesmente esquecidas. Mas, não quero me focar apenas nos aspectos negativos, pois há também o lado bom nessa “eternização” das palavras, como se fossem aprendizagens.

Mais à frente, como disse, Luzia citou também o fato de as pessoas terem dificuldade com a escrita, e sua distinção da fala. Isso acontece porque, enquanto a fala é uma espécie de comunicação mais libertária, no sentido de que não existem regras, a escrita não. A língua portuguesa, por exemplo, possui uma infinidade de regras em sua gramática normativa, sendo uma das línguas mais difíceis de escrever. E é aí que entra sua distinção com a fala, também. Depois, houve o esclarecimento entre autor e escritor. Enquanto o autor é o responsável, o inventor por alguma coisa, o escritor é exclusivamente o autor de livros.

Encerrou-se, então, com uma entrevista com Luiz Vilela, entrevista esta em que o autor conta sua relação com a Literatura através da vida, seu método de escrita e outras informações gerais. Também, foi mostrado um curta sobre seu texto *Catástrofe*, e outro curta baseado em poemas de Manuel de Barros, *Histórias da Unha do Dedão do Pé do Fim do Mundo*.

A oficina como um todo foi de grande utilidade, admito. É importante frequentemente explicar pontos como estes para as pessoas, pois, tanto a escrita quanto a leitura fazem parte da vida.

Meio Ambiente pontagrossense

Matheus Cuccia

José Luiz T. M. de Paula, da Comissão do Meio Ambiente da OAB ministrou a palestra sobre a “Atuação da OAB de Ponta Grossa na Preservação Ambiental”. Como o título da mesma sugere, o foco do ministrante foi explicar o que é a Comissão do Meio Ambiente e qual o seu papel em relação à cidade de Ponta Grossa.

A palestra teve início com citação do Artigo 44 do Estatuto da Advocacia, que define a OAB como um todo, e, posteriormente, o Artigo 225 da Constituição Federal, que se refere ao direito das pessoas em relação ao meio ambiente ecologicamente equilibrado.

Seguiu-se, então, para a apresentação da Comissão do Meio Ambiente da OAB, a qual o objetivo principal é cuidar dos temas relacionados ao meio ambiente na cidade de Ponta Grossa e região. Um dos temas abordados foi o único aterro sanitário que há na mesma. Segundo José Luiz, esse aterro está com seu limite praticamente atingido, tendo vida útil até por volta do final de 2015. O papel da OAB, nesse caso, é procurar um novo lugar para realizar a construção de um novo aterro sanitário, o que não acaba sendo uma tarefa fácil, visto que é complicado encontrar locais propícios para isso.

Outros assuntos em relação à atuação da OAB foram o Plano de Gerenciamento de Resíduos Sólidos, um documento que descreve e monitora a geração de resíduos por parte das empresas e instituições públicas ou privadas e a reciclagem de lixo eletrônico, que visa reciclar materiais eletrônicos de computadores, aparelhos televisivos, rádios, celulares, geladeiras e outros que foram descartados.

Finalizando, foi uma palestra curta, mas, ao mesmo tempo, importante. Os projetos mencionados são sim de extrema importância para o meio ambiente, uma vez que necessitamos de uma forma de controlar e reciclar o lixo, além de auxiliar na conscientização das pessoas ao produzir lixo.

Mayrus de Mello
4º Período de Jornalismo – 2014

Desastres

Mayrus de Mello

Desde o primário, aprendemos os substantivos coletivos: a vara de porcos, um fato de cabras, um enxame de abelhas; e, na universidade, somos apresentados a mais um: o de pessoas desinteressadas pelo mesmo assunto, a palestra.

Em um início de noite com uma lua borrada no céu azul marinho, havia um vento refrescante e, na frente da Unidade III da Faculdade Secal, o movimento no carrinho de pipocas era fraco.

No andar de baixo, depois de descer dois lances de escada, uma fila de alunos se formava em frente uma mesa, onde uma jovem moça entregava uma caneta e uma folha para que eles assinassem o nome e o CPF e o período em que estavam.

Do lado direito, a sala dois do curso de Letras e, na porta, uma folha A4 grudada com o nome da palestra em fonte 16: “Responsabilidade civil decorrente de danos ambientais e a nova Lei 12.651/12 (Código Florestal)”. A porta estava aberta e presa por uma lixeira redonda de cor preta com uma sacola azul enrolada na ponta.

A sala era quadrada com quatro janelas, também quadradas; nessa sala, haviam três conjuntos de cadeiras, cada um com cinco cadeiras em fila. Os jovens universitários iam chegando e se acomodavam; uns tiravam suas blusas, outros conversavam com colegas sentados nas cadeiras ao lado ou mexiam em seus celulares.

Na cadeira mais perto da parede, no lado direito da sala um homem de terno cinza, camisa social rosa e uma gravata vermelha listrada estava sentado. Uma mulher de cabelo curto pintado de vermelho entrou e sentou-se ao lado do professor Leandro – o homem de terno cinza – e os dois começaram a conversar. Após uns minutos a professora de cabelo vermelho levantou e foi, calmamente, em direção à porta, tirou a lixeira que a impedia de se fechar, e empurrou a porta.

Na frente da sala, a uns dois metros do quadro negro, uma pequena bancada branca com o símbolo da faculdade em cinza; tinha em cima um notebook e um data show que estava apontado para o a tela de projeção branca, na qual mostrava-se um slide com o nome da palestra.

A professora que acabou de fechar a porta e ficou de pé em frente a sala pediu educadamente para que os que estavam assistindo desligassem seus celulares; depois disso, apresentou o professor que seria o palestrante.

Ele levantou e foi em direção a uma pequena bancada, soltou uns papéis em cima do teclado no notebook, mostrando em seu pulso esquerdo um relógio de ouro. Nas pessoas que estavam assistindo, estavam apenas alunos do curso de Letras e Jornalismo. Os alunos de Jornalismo – que estavam no conjunto de cadeiras no meio, na segunda fila – apontavam seus gravadores para frente da sala.

Mesmo tendo pedido respeitosamente para que desligassem seus celulares, quando o palestrante apagava a luz para que um vídeo fosse assistido, luzes iluminavam alguns rostos. Um desses rostos era de uma jovem loira que estava com uma blusa de oncinha e uns óculos de grau do tipo aviador. Outro rosto que se iluminava era de uma professora do curso de Jornalismo. Os estudantes que estavam assistindo a palestra tinham olhares cansados e um pouco de desinteresse no que se apresentava.

O palestrante era do tipo que falava com as mãos, e sempre que esticava seu braço para frente às mangas de seu paletó se levantavam e mostravam uma pulseira e um relógio – que pareciam ser de ouro. Enquanto falava e explicava, o professor parecia dançar dando três passos para o lado, três para trás e três para frente; era como se formasse um triângulo toda vez que ele falava. O professor Leandro ficava, geralmente, apenas do lado esquerdo da audiência; e no momento em que passava vídeos ele sentava em uma cadeira preta que estava posicionada exatamente no meio de dois interruptores.

O assunto que se tratava a palestra era sobre crimes ambientais, que poderiam ser culposos ou dolosos – mais ou menos isso; não prestei muito a atenção no que se falava. O professor Leandro mostrou dois vídeos sobre o acidente nuclear da usina de Chernobyl, o maior desastre nuclear da história. No primeiro vídeo, que era um desenho mostrando como tinha ocorrido o acidente e, o segundo, mostrava os efeitos e fotos do desastre, desde pessoas deformadas até fotos de uma cidade fantasma. O outro desastre que ele apresentou foi o do Césio 137, que aconteceu em Goiânia. O vídeo desse desastre tinha dramatizações que passaram em 2007 no programa “Linha Direta”.

O que me estranhou sobre tudo isso foi que quando os vídeos do desastre de Chernobyl passaram, o professor tratava como se fosse a cidade, mas o certo seria Usina Nuclear de

Chernobyl, na cidade de Pripyat. E quando um aluno levantou sua mão, e o perguntou sobre o acidente de Fukushima em 2011 no Japão, o palestrante não soube do que se tratava.

Depois, quando abriram espaço para perguntas, levantei e sai da sala, não aguentei muito tempo lá, a sala estava quente. E assim foi, para mim, a primeira palestra da semana do meio ambiente.

A espuma vinílica acetinada sempre está presente

Mayrus de Mello

Na mesma sala da palestra do dia 6, a oficina “Reciclando a aprendizagem”. Entrando na sala, os equipamentos estavam todos na mesma posição, a única coisa que eu não tinha reparado no dia anterior era um quadro pequeno, no lado esquerdo da sala, com tecido verde e papéis presos com alfinetes. Mas, a coisa que mais diferenciou o ambiente foi uma cadeira com um papel colado na parte traseira dela com a palavra “Diretor” escrito em fonte grande e preta. No momento que a professora Juliana começou a falar sobre a oficina, a outra professora que estava na sala, Francisley, ia em direção à porta e empurrava a lixeira que segurava a porta. O ar tranquilo de como a professora de Pedagogia, Juliana, falava já dava indícios de que a oficina seria descontraída, e assim foi.

Após a apresentação, ela chamou voluntários para uma dinâmica, tipo um teatro, onde Juliane era a diretora. Esse teatro era sobre um casal que era assaltado e o marido era morto por reagir ao assalto. Um rapaz teve que colocar uma peruca azul, tipo David Luiz, e ir anunciar para a família a morte do outro jovem, que tinha um cabelo escovinha, usava uns óculos quadrados e vestia uma camisa rosa, além de fazer um morto bem convincente.

E, toda a vez que o jovem chegava para anunciar, a professora que fazia o papel de diretor e o mandava mudar o jeito de contar a “tragédia”. Depois de umas três ou quatro vezes que a maneira foi alterada ela levantou e saiu da sala, como se estivesse com raiva. Voltando logo depois, explicou que a maneira que se ensinava fazia a diferença no âmbito do professor e perguntou aos trinta alunos da oficina, qual tipo de professor mais os agradava, se era o que usava uma técnica diferente no ensinar ou um “que chega, te manda abrir um livro” e dá uma aula chata.

Nesse momento, Francisley, ligava o notebook e, na tela de projeção, a tela de início do “Windows 7”. Em seguida, ela fechou vários avisos de programas e abriu um slide. Juliana sempre que falava esperava que todo completassem as “suas pala...vras”. O slide era sobre os tipos de aprendizagens em que “se dividem” os alunos. As divisões foram feitas em três grupos: os visuais, os auditivos e os cinestésicos.

Mostrando e explicando os tipos, foi proposto um teste para vermos que tipo de alunos somos. Esse teste consistia em dez perguntas com respostas de A a C. Entregando papéis e

alguns lápis para os alunos, uma das professoras levantou uma lata coberta com “E.V.A”, nesse momento percebi que elas eram professoras do curso de Pedagogia.

Depois de responder o teste, ela perguntou quantos alunos tinham mais respostas A, apenas um levantou a mão, e foi explicado que ele era do tipo visual. Em seguida, perguntaram quantos tinham mais letras B, alguns levantaram a mão e elas classificou-os como sendo do tipo auditivo. E logo perguntou quantos tinham conseguido mais letras C, a maior parte da sala - incluindo eu - levantou a mão - e a professora Francisley disse:

— Eu sabia! Noventa por cento da população tem esse tipo de aprendizagem, a aprendizagem cinestésica.

Depois de ter descoberto o tipo de aluno que eu era, as professoras começaram a falar sobre os tipos de inteligência – nesse instante, uma moça loira, magra com uma blusa rosa comia. Eu tinha passado por ela alguns minutos antes na rua do lado do cemitério, e isso me veio à mente – que são a lógico-matemática, a linguística, a musical, a espacial, a corporal-cinestésica, a interpessoal, a intrapessoal e a naturalista. Na explicação desses pontos, a oficina foi interrompida por dois alunos de Jornalismo que fizeram uma entrevista indireta entregando três papezinhos dobrados com perguntas. Em seguida, saíram da sala; a explicação voltou e continuamos a oficina.

Em um tempo, a professora Francisley começou a falar sobre um livro chamado “o Menino do dedo verde”, uma história de aprendizagem escrita em 1957 por Maurice Druon. Depois de explicar isso, começou a nos contar a história do livro. A maneira com que contava a história era muito boa de ouvir, tinha um ar materno no falar.

Após nos contar a história, a sala foi dividida em quatro grupos de oito, oito, sete e sete. Era para que as equipes produzissem uma paródia, um texto – tipo historinha-, um teatro e um jogo, tudo isso sobre a história contada sobre o livro. Até os estudantes de Jornalismo que estavam para cobrir a oficina participaram. O meu grupo ficou responsável pela produção do texto, enquanto estavam discutindo o que e como escrever, a professora Francisley chegou com mais um objeto decorado com E.V.A, era um pote de sorvete branco de tampa azul coberta com EVA rosa. Dentro desse pote, havia um rolo de papel que quando você puxava a ponta iam saindo histórias – escritas do jeito que era para fazermos.

O texto estava sendo escrito por uma moça morena baixinha que tinha letra bonita. A outra moça – também morena – estava ditando a história. Ela começou ditando “Era uma vez”.

Mas, todos acharam clichê e começaram de outra maneira, “Em um castelo...”, assim começava o texto. Os três rapazes – fora eu e outro estudante de Jornalismo – davam ideias que iam incorporando a pequena história.

Dois moços que estavam sentados nas últimas cadeiras da sala, em frente a eles, estava a moça que ditava a história, atrás de sua cadeira uma tomada com um carregador de celular preso. Na frente dessa moça, estava a outra jovem que escrevia o que lhe era falado, atrás das duas um rapaz mais velho com uma camiseta amarela e aparelhos nos dentes sempre ria das coisas que ele ou outro falavam. Atrasados uns minutinhos o grupo terminou.

Terminados os trabalhos que nos foram passados e chegou a hora da apresentação. O primeiro grupo foi o pessoal do jogo, que consistia em cinco perguntas colocadas dentro de bexigas – onde eles conseguiram esses balões? (fiquei pensando). Para jogar, eles chamaram voluntários que ficaram lado a lado; assim, um por um, iam estourando os balões- nesses momentos, eu tampava o ouvido, odeio estouros – e pegando as perguntas, que eram respondidas, mas sempre com ajuda dos criadores do jogo.

O grupo em que eu estava foi o segundo a apresentar-se. Os estudantes de Letras levantaram e seguiram para frente da sala, enquanto eu e o outro colega da imprensa do curso de Jornalismo fomos indagados se éramos ou não do grupo. Rapidamente, levantamos e nos juntamos ao grupo. Eu fiquei atrás do grupo encostado no quadro negro – não gosto de ficar em frente à “plateias” – após a leitura, que foi aplaudida, voltamos para nossos respectivos lugares.

O terceiro grupo a se apresentar foi o do teatro que apresentou uma peça intitulada “O menino do cigarro verde” que mostrava um garoto como o do livro, mas, que fazia uso de *cannabis* e tinha o “dedo verde” para o cultivo da planta. A forma que a peça foi passada era cômica.

O último grupo a se apresentar – já estávamos com o tempo estourado – foi o da paródia. A música que eles escolheram para parodiar foi “Aquarela” do Toquinho. A letra era feita de rimas com várias características da história que nos foi contada, e enquanto um jovem rapaz de boné cantava a moça loira – que estava comendo no começo da oficina – dançava apenas balançando os braços.

Estourados no horário – passamos dez minutos – as pessoas saíram da sala, em direção ao corredor cheio de gente para assinar a lista e ganhar suas horas.

Degraus

Mayrus de Mello

A terceira palestra que frequentei foi no Campus Central. O prédio mais difícil de alcançar o último andar – claro que isso, apenas para quem não usa o elevador, e indicaram-me o uso do elevador, mas como não gosto de lugares apertados decidi ir de escada – após subir os cento e oito degraus, dos doze lances de escada até o sexto andar; chegando lá cansado, suado e com um pensamento de que alguém pode ter um infarto subindo ali, entrei na primeira sala virando para a direita, a 604. Em frente à audiência, o professor Paulo Henrique já tinha dado início à palestra, olhei no meu relógio e vi que cheguei seis minutos atrasado.

Quando cheguei sentei na frente, na primeira cadeira do lado esquerdo. A sala era grande e os ‘setores’ de cadeiras estavam divididos em dois. Na frente da sala, uma luz mais fraca iluminava uma mesa com blocos de anotação, um apagador com a caixinha cheia de giz e um notebook ligado ao datashow que mandava a sua luz em direção da tela de projeção.

Esses aparelhos estavam conectados a uma pequena caixa feita de madeira - que dentro tinha um roteador e algumas extensões - pintada de branco. Logo em cima do quadro e da tela de projeção, havia um ar condicionado também branco. Saindo do ar condicionado, uma pequena canaleta de plástico ia do lado direito da sala passando por cima de uma pequena porta e chegando até o fim da sala, onde três grandes janelas quadradas com grades pintadas de cinza davam uma grande visão de uma instalação da Sanepar que parecia um jardim, e de um outdoor de motel e, também, um estacionamento por hora.

Além de uma vista panorâmica da cidade de Ponta Grossa iluminada. Mais para baixo, o estacionamento da faculdade e a fachada de uma casa antiga. Em cada quina da sala, uma pequena caixa de som de cor marrom e alguns detalhes em cinza.

Após um tempo sentado na frente, passei por um pequeno corredor, formado por alunos sentados e a parede branca, e cheguei o fundo da sala. No lado esquerdo do fundo da sala um quadro de luz cinza. No chão, onde coloquei minha mala, um pequeno degrau de cor marfim, a mesma cor dos azulejos grandes que compunham o chão da sala. O teto na parte de trás era dividido por algumas colunas que formavam quatro retângulos, dois pequenos e dois grandes. A luz na parte de trás estava mais forte clareando tudo.

O professor era jovem, usava uma camisa xadrez com as mangas dobradas; amostra em seu pulso esquerdo um relógio grande e prateado. Usava também um tênis. Peguei o começo da palestra mesmo chegando um pouquinho atrasado, em uma pequena introdução o professor fez uma pergunta:

— Quando o homem começou a destruir o planeta?

E, após algumas respostas erradas, como por exemplo, “na mineração”; e ele nos deu o feedback, articulando suas mão e falando para o lado direito , disse:

—Na Revolução Industrial!

Explicou como e os porquês desse começo destrutivo dos séculos XVII, XVIII e XIX. Como a exploração ambiental começou e desenvolveu com o passar dos anos. E, com isso, falou do capitalismo, que apenas visa lucro sem preocupar-se com qualquer coisa. Tratou de vários pontos sobre a conservação ambiental, falando se seria possível ter lucro, como capitalista, mas, mesmo assim, cuidar do meio ambiente e como as empresas poderiam ter uma preocupação com os nossos recursos naturais.

Citou a falta de leis e protocolos a serem seguidos e também a falta de incentivos governamentais para que as empresas se transformem e passem a serem “Verdes”. Colocou como exemplo o livro “A primavera silenciosa” de Rachel Carson. Falando com as mãos e criticando o capitalismo ele passava os slides.

Seu discurso foi dirigido à crítica do adestramento ambiental, que como ele explicou era fazer apelos e propagandas para que as pessoas apenas jogassem o lixo na lixeira correta, mas isso não os ensinaria a todo o processo de “tratamento” do meio ambiente. Para isso, o que deveria acontecer é a Educação Ambiental, esta em que as propostas de reciclagem e preocupações com o meio ambiente seriam passadas para as crianças “no joelho das mães”, assim, as futuras gerações teriam isso como algo natural e não algo que se faz por obrigação.

Falando sobre isso o assunto foi dirigido aos protocolos ambientais e que as grandes potências poderiam ter uma gestão verde – nesse momento, que descobri o nome da palestra era “Gestão ambiental e sustentabilidade no âmbito empresarial”, eu tinha esquecido de ler a folha que estava grudada na porta branca – e se países que cresciam muito também poderiam proteger seus recursos. Sempre que ele estava explicando algo andava em volta da mesa, indo para lá e para cá, em algumas vezes pegava uma garrafa de água, bebia um pouco e colocava novamente em cima da mesa.

Sentados à minha volta estavam, em sua maioria mulheres que mexiam nos cabelos e se acomodavam melhor em suas cadeiras. Uma jovem loira mexia em seu smartphone branco. Outra moça, de mais idade que os outros que lá estavam, fuçava sua bolsa, parava, prendia o cabelo e voltava a mexer na bolsa, até que em dado momento ela tirou uma lixa de unha de lá de dentro. Aquele barulho horrível que faz uma lixa deu-me grande aflição, parecia que meus dentes iam se desintegrar dentro da minha boca. Essa aflição me fez ficar mordendo a língua e tirou minha atenção da palestra por um bom tempo.

Quando consegui voltar a atenção para a palestra - após a senhora terminar seu tratamento de manicure na palestra – o palestrante tratava de desperdício de água e também da escassez. Seguindo empolgado a apresentação da palestra, ia sempre fazendo perguntas, que algumas vezes eram respondidas.

A continuidade tratou sobre coisas técnicas como leis de impacto ambientais e benefícios do plano ambiental para empresas. Coisas que, para mim, eram de difícil entendimento. Terminando de falar sobre tais assuntos, o professor em seu agradecimento disse:

— As práticas devem partir de vocês!

Após isso, passou no datashow o último slide, que era um planeta terra com “Muito obrigado” escrito em letras garrafais em cima. Quando todos foram levantando e seguindo o caminho para a porta, eu me encontrei com outros alunos que estavam fazendo a cobertura. Eles pediram uma entrevista com o palestrante. Sai da sala e rumei em direção as escadas para sair do prédio e também para aproveitar e contar o número de degraus.

Reservatórios tinham rosas...

Mayrus de Mello

Era um início de uma noite quente, com um ar parado. Na entrada da Unidade III, universitários se reuniam e conversavam. Subindo uma rampa lateral se chegava ao saguão de entrada, onde, em cada porta, um tapete com o símbolo da faculdade estava posicionado. Mais para frente um balcão, onde havia alguns jovens estavam encostados.

Dentro, uma moça loira mexia no computador. Indo à direita e chegando a um passadiço, dei de cara com o corredor em que se encontravam algumas salas do curso de Direito; as salas sete, oito, nove, dez e onze. Mas, estava diferente do normal; quinze filas de cadeiras pretas, menos uma que era de madeira de cor verniz. Algumas cadeiras estavam, também, juntas da parede esquerda. O corredor onde ocorreria a palestra era marrom claro, com os azulejos brancos. Na frente dos grupos de cadeira, uma pequena mesa comportava um notebook e um datashow e, mais à frente, a tela de projeção que tampava uma janela da Coordenação do curso de Direito.

Na esquerda do corredor, uma mesa redonda tinha uma maquete de uma casa e todo o sistema hídrico. Essa pequena maquete tinha uma cor creme, um telhado marrom. E, um pouco atrás dessa mesa, uma pequena fila de cadeiras. Ao lado da tela de projeção, em frente a um corredor onde lixeiras – daquelas com cores para recicláveis – estava uma mesa, também redonda, com flyers da Sanepar.

A mulher que iria apresentar a palestra, Luciana Garcia, conversava e esperava uma ajudante. Ela estava com uma blusa de oncinha, um crachá da Sanepar, brincos de argola, um cabelo loiro e olhos que prestavam a atenção em tudo, desde pessoas que perguntavam algo, ou alunos que andavam para lá e para cá. Uma moça, baixinha e franzina transitava por entre as portas da sala e da coordenação, ela tinha um crachá da Secal no pescoço. Ela veio calmamente e conversou com Luciana e as duas ligaram o notebook, que iniciou com o Windows 8. Um homem de roupa branca ajudava. Pelo jeito, ele era coordenador.

As dezenove e meia iniciou-se a palestra e, na tela, um slide da Sanepar. O homem vestido com uma camisa branca iniciou a apresentação. Esse moço, falava e gesticulava o assunto sempre que era importante. Ele também sempre terminava as palavras que seriam com ‘E’ usando um ‘I’.

No momento que a palestra começou, uma moça ruiva chegou e sentou na cadeira perto da minha. As duas estavam separadas por um pequeno corredor. Ela usava um vestido florido e uns óculos que não pude ver a cor, pois a luz já tinha se apagado. Também tinha uma blusa colocada na parte de trás das costas onde as mangas seguiam para a frente e faziam um laço. Junto com ela, um rapaz gordo e outro que não pude ver muito bem.

A plateia era formada por alunos do curso de Direito, o que fez com que esse jovem – futuro jornalista – que vos fala tivesse o sentimento de ser um “estranho no ninho”. Enquanto estava com meus pensamentos, a palestra rolando, uma moça loira com um crachá igual ao da Luciane, a palestrante, me perguntou se o lugar a minha frente estava vago, respondi que sim e ela com um sorriso sentou – essa era a cadeira mais perto da maquete, que estava na frente – durante toda a palestra, essa moça, que após um tempinho descobri ser a assistente que a palestrante esperava, sempre se mexia na cadeira. Não parava. Em alguns momentos, usava seu smartphone com uma tela de proteção com um “K” e em outros mexia seu pé esquerdo repetidamente. Estava vestindo uma blusa branca e uma calça verde.

Em torno das cadeiras, três banners com dicas para economia de água e um com dicas de como funcionam um sistema hídrico em uma casa. Na parede, um único recipiente para álcool, daqueles que servem para higienizar as mãos.

A palestra que tinha o nome de “Resgate histórico do saneamento em Ponta Grossa” rolava e a palestrante sempre falava do gasto de água que aumentou muito desde a criação da cidade, sempre mostrando fotos e apontando para a tela de projeção com um laser vermelho. Sempre que apontava ela girava a bolinha em volta da figura que queria mostrar.

A palestra seguiu tratando do começo da distribuição de água, que antes era recolhida em chafarizes – disse que, antigamente, chafarizes não eram ornamentais – até que foram aumentando e fazendo represas para que a cidade tivesse mais acesso ao nosso querido e necessário elemento.

Em um momento, tive que levantar e sair, passando por trás das cadeiras, de frente para o elevador, onde uma moça estava parada olhando, atentamente, para frente e bebendo café em um copo descartável. Quando retornei, o assunto era a crise hídrica que abatia o estado acima do nosso, onde nossos estimados paulistas vivem. E, também, tratou sobre o índice de poluição da água em alguns Estados. Terminando isso, ela continuou a passar slides na tela de projeção até

um que tinha um pequeno poema sobre as rosas que eram plantadas nos reservatórios de água, que eram lugares que sempre recebiam visitas.

Depois de terminada a palestra, abriu-se espaço para perguntas. Um rapaz sentado ao fundo perguntou, outro que estava mais para o meio perguntou e a palestrante, rapidamente, pôs-se a respondê-los. Após isso, levantei e sai da sala, onde a luz já estava acesa.

Passei pela recepção, continuei e fui em direção ao Campus Central, subindo e virando à esquerda seguindo reto e quase chegando à esquina do posto, olhei e prestei a atenção em um prédio pequeno com 1937 escrito em letras brancas e me lembrei de que estou passando em frente a uma fotografia que nos foi mostrada na palestra, o antigo reservatório da Sanepar. Lembrei da foto, que era como se fosse um grande jardim. Ali, tinham rosas plantadas, todos tinham. Vejo que a evolução hídrica serviu apenas para deixar a cidade mais cinza. Antigamente, era mais bonito, tudo era mais bonito.

Miliane Martins
2º Período de Jornalismo – 2014

Naturalmente

Miliane Martins

Sala cheia. Professor preparado. Começa a oficina.

A natureza é definida como o oposto de cultura. Aquilo que é criado pelo homem. Parte-se então para a antiguidade, onde as tribos dominavam. A mãe natureza era venerada e tida como provedora da vida humana, digna de graças e de culto.

Com o surgimento de povos monoteístas, onde o homem é o centro. A natureza é feita para servi-lo e não o contrário. No cristianismo, judaísmo e islamismo, o natural ainda é alguém da família, é irmão.

Irmão Sol, irmã água. Merecem respeito, porém, são iguais, não superiores.

A filosofia como estudo da vida entra na apresentação do professor. “O homem é o lobo do homem”, define como a natureza é caótica na visão de Hobbes.

Abre parênteses: nesse momento o professor menciona o documentário Grizzly Man de Werner Herzog – Um homem, que ama os ursos, convence a namorada a viver com ele no Alasca, cerca de seis meses. Eles vivem em harmonia com os animais até, o professor lamenta ter que contar o final, mas prossegue, um ataque acontecer. Um urso estraçalha o homem enquanto a namorada assiste. O que sobra são corpos dilacerados e o áudio da carnificina. Fecha parênteses.

Continua-se a oficina, Rousseau tem uma visão diferenciada.

O selvagem é essencialmente bom, corrompido pela sociedade torna-se mal. Nesse momento, o professor utiliza o filme Avatar, de James Cameron como exemplo.

Breve resumo: Um grupo de militares da Terra vão à um planeta atrás de um elemento que só existe lá. Porém, o povo nativo é resistente a exploração. A conexão entre o povo e a natureza intriga os seres humanos, e até um romance acontece. O filme retrata o mito do bom selvagem de Rousseau que pode ser corrompido pelo homem, nesse caso, os nativos prevalecem.

Ainda utilizando-se da “deixa” do filósofo francês, o professor aborda o conto de Camilo Castelo Branco. O personagem principal, amante da natureza, tenta – sem sucesso – conectar-se com a natureza. Resultado: chapéus levados pelo vento.

Já na visão econômica, o natural é dominado pelo homem através da tecnologia. O mito de Prometeu, que rouba o fogo de Zeus e dá aos homens e a pedra lascada, até espaçonaves e remédios.

A parte introdutória passou. Vamos agora abordar as visões dos autores mencionados no título da oficina.

Camões é o primeiro. Luís Vaz de Camões é o seu nome completo. Português. Nascido em Coimbra. Tem como obra-prima o poema épico Os Lusíadas que trata das viagens marítimas dos portugueses. Nele, a natureza é personificada por mitos greco-romanos. O gigante Adamastor é um exemplo disto, representa as ondas gigantes que são formadas em tempestades no mar.

A natureza é o caos para Camões, porém, o ser humano sempre consegue ordená-la e surpreendê-la.

A obra O Monstro, de Fernando Pessoa é anexada, sem aviso prévio. A visão desse autor é parecidíssima com a de Camões e o episódio retrata a do gigante Adamastor. O monstro que vive no fundo do mar é repellido pela autoridade dos marinheiros portugueses, assim como, o gigante. O diferencial é o que o nome de Dom João é usado como ameaça.

Melville ganha a cena. E Moby Dick, a baleia branca – que arranca a perna de um comandante e, por isso, é perseguida pelo mesmo. Na visão deste autor, a natureza (representada pela baleia) é algo maior, mais forte que o homem – o comandante e a humanidade.

Portanto, essa obsessão em dominar o natural só pode resultar em morte. No livro, de toda a tripulação, somente o narrador da história sobrevive. E Moby Dick. No vídeo apresentado pelo professor, o animal ainda olha seu perseguidor nos olhos antes de arrastá-lo para a morte.

Joseph Conrad compara um rio à uma cobra. A própria natureza ataca o ser humano. Hostil, trata de tentar expulsar o expedicionário da floresta. O coração das trevas representa a alma humana. Considerada o horror pelo protagonista.

Hemingway. Último, mas não menos importante retrata no livro “O velho e o mar”, a visão monoteísta mencionada no início deste texto. Natureza como irmã.

O velho, Santiago, pescador, fica quase 3 meses sem pescar. Um dia consegue fisgar um peixe gigantesco que arrasta o seu barco para alto-mar.

Santiago, paciente, consegue matar o peixe e amarra-o ao barco. Porém, é seguido por tubarões. Quando chega a praia somente a espinha do peixe sobrou. O pescador recupera o respeito e afeto dos habitantes dali.

A oficina vê seu fim.

Respeito é bom e todo mundo gosta

Miliane Martins

Somente um olhar – Salienta o professor – Não estamos em busca de verdades absolutas aqui. O tema homossexualidade toma conta do debate. Sempre existiu, porém, era escondido.

Na escola, o educador precisa saber como ensinar as crianças (futuro) a respeitar as diferenças, sejam elas quais forem.

É normal não aceitar ou concordar com tudo, mas, mesmo discordando, deve-se procurar entender a opinião do outro. Podem até dizer que a família: homem+mulher é a correta e que Deus, no cristianismo, aceita e incentiva. Não há problema nisso... Se quem o diz é heterossexual. E quem não se encaixa nesse padrão? Senta e chora? Agora, não é mais assim.

O homossexual tem direito de formar uma família, de ter uma religião. Ou não. Tudo depende do ponto de vista do indivíduo.

O professor define que a palavra religião – na etimologia da palavra – significa religar, ligar as pessoas entre elas e à um ser superior. Objetiva a vida, responde questões. Como diversas outras áreas do conhecimento.

A ciência, a religião e a filosofia podem e explicam ao ser humano algo que ele não compreende totalmente. Porém, as bases são diferentes.

No caso da religião cristã, a fonte de conhecimento é a Bíblia, que é metafórica, que possui diversas interpretações e que antes de ser escrita e reunida em um livro era passada via tradições orais. Muita coisa pode ter mudado.

E mudou. A sociedade atual não é igual a qual Moisés libertou do Egito. Evoluímos em diversas áreas. Por que a religião continua estagnada?

Não se sabe. Mas, também, não há menor problema nisso.

Na ciência, Freud, por meio da Psicanálise, já procurou explicar porque o ser humano se torna – ou nasce – homossexual. Explicou, também, porque há pessoas preconceituosas. E é isso que é necessário abolir do ensino.

A exemplo de uma ouvinte da oficina que conta, indignada, a situação que viveu na escola onde leciona. Uma criança comenta algo preconceituoso a ela, e a professora não sabe como responder. Infelizmente, é algo que vem de casa. As visões conformistas e intolerantes são passadas de pai para filho na infância.

Mais um ouvinte se manifesta. Ele realmente estuda a área e diz que há 110 tipos de gêneros sexuais, segundo a escala de K. A identidade de gênero é desenvolvida ao longo da vida.

Vivemos em uma época de desconstrução do preconceito – afirma o professor. Desde a mudança de homossexualismo para homossexualidade. O sufixo “ismo” indica problema, doença. Até as campanhas da mídia para aceitar o diferente.

Diante do debate, me deparo com uma questão.

Suposição.

Se alguém heterossexual, católico cristão, acredita que a única forma de família que Deus aceita é a formada por um homem e uma mulher, está errado ou atrasado diante da sociedade?

De maneira nenhuma – diz o professor – mas esse modelo só satisfaz a ele e todos procuram um lugar para se encaixar. Cada um pode ter sua opinião, mas, precisa aceitar a do outro.

A base para o entendimento entre a religião e a homossexualidade, ou o fim do preconceito racial, é o respeito. Respeitar é a base de tudo.

Atuação da OAB na preservação ambiental de Ponta Grossa

Miliane Martins

Corredor abarrotado de cadeiras, nelas, somente acadêmicos do 5º período do curso de Direito. E, alguns estudantes de Jornalismo, claro.

A palestra se inicia com algumas considerações do presidente da OAB de Ponta Grossa, Edmilson Rodrigues Schiebelbein, sobre a ajuda que os futuros formados podem dar à associação.

Acerca da questão do meio ambiente José Luiz toma frente. Ele faz parte da comissão do meio ambiente da OAB, que promove o Direito Ambiental na cidade.

Para provar que esta questão é preocupação dos profissionais de Direito, ele cita o artigo 225 – “Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para a presente e futuras gerações”.

Em razão disso, ele cita seu trabalho no COMDEMA – Conselho Municipal de Meio Ambiente, que possui participação de pelo menos 27 instituições.

Seu trabalho, lá, é o de fornecer pareceres jurídicos, como o de um grave problema que atinge a cidade de Ponta Grossa: a disposição dos resíduos sólidos. Atualmente, a cidade tem um aterro sanitário no Botoquara, região de Itaiacoca.

Esse aterro soluciona o problema dos lixões, porém, já está com cinco células esgotadas e ele estima que só suprirá a cidade até o fim de 2015.

Também, salienta que as audiências são abertas ao público e que há quatro cadeiras para a participação de ONG's.

Portanto, volta a palavra ao presidente, que declara que meio ambiente não é somente natural, mas sim, histórico-patrimonial, urbano, artístico, e deve ser defendido igualmente.

Cita também o projeto de reciclagem de lixo eletrônico que acontece na própria OAB – é feita a coleta e há a troca por caridade.

O objetivo é utilizar a associação como instrumento de cidadania – palavras do presidente.

Ele entra na questão dos imóveis rurais, que precisam cumprir suas funções sociais, do contrário é desapropriado.

Funções como não plantar em área protegida, respeitar os requisitos ambientais.

Com a sugestão da professora do curso, em fazer um mutirão com os alunos para a arrecadação de lixo eletrônico para o projeto de reciclagem da OAB e com a salva de palmas dedicada aos palestrantes a palestra se encerra.

Dia-a-dia cênico

Miliane Martins

O professor simpático e carismático começa a oficina com uma breve autobiografia, diz que o tempo é curto e que o objetivo é dar uma noção do teatro e de como isso pode ser útil na Educação.

Ele inicia diferenciando dramaturgo, que é quem escreve peças teatrais e o encenador, que pode ser dramaturgo, mas que tem um conhecimento da estética teatral, tem um conhecimento da construção da cena, que estuda e cria a cena utilizada no teatro.

Alguns dos principais dramaturgos citados:

- Augusto Boal;
- Konstantin Stanislavski;
- Nelson Rodrigues;
- Peter Brook;
- Bertold Brecht;
- Robert Wilson;
- Meyerhold.

Para Brecht, deve haver um distanciamento do ator para o espectador. O teatro deve ter objetivo educativo onde há reflexão. Sem emoção. Existe a quarta parede, que separa o público da cena.

Já para Stanislavski – Que o professor define como “O cara” – o público precisa viver o espetáculo. O ator deve se entregar à cena para se fazer acreditar. Deve haver uma sintonia entre ator e espectador, se o ator ri, o público ri; se o ator chora, o público chora. É utilizada a técnica da memória afetiva, se o ator precisa rir, ele lembra algo engraçado, se precisa chorar, lembra de algo triste.

Para Grotowski, deve haver a relação entre ator e espectador, porém, não se utiliza muito cenário, algo artificial. É considerado o teatro pobre, por essa simplicidade em cena.

Em Artaud. o teatro deve purificar o ator e o espectador. Ele faz parte do movimento surrealista e acredita na teoria da catarse.

Para Augusto Boal, o teatro deve tratar de questões sociais, é muito utilizado nas escolas. Denominado teatro do oprimido.

Então, o professor dá um exemplo de uma cena do filme Olga, cena em que sua filha é tirada dos braços dela. É utilizada a técnica de Stanislavski, a partir da entrega do ator à cena.

Depois do intervalo, vem a prática.

O professor separa as pessoas em dois grupos e entrega dois textos para cada, um de Brecht e outro de Stanislavski.

Os grupos lêem, debatem e fazem a leitura para todos. Chamada leitura branca, onde não à encenação.

Depois da leitura, o professor agradece e diz que apesar da apresentação de cada teórico ter sido rápida, a importância da oficina seria utilizar-se das técnicas no cotidiano de cada um presente.

Paola Brigolla
6º Período de Jornalismo – 2014

Mostra da destruição construída

Paola Brigolla

“Se algo não pode ser escrito, ou pensado, ele pode ser fotografado”.

Stanley Kubrick

A fotografia traduz uma narrativa. Enredo construído pelo olhar que captou o momento único, a cena milimetricamente pensada e estudada para contar uma história.

E foram muitas as histórias representadas nessa exposição. Os olhares interpretativos das pessoas que passavam e paravam, denunciavam a sua perplexidade diante do olhar que o outro teve diante do que muitas vezes passa despercebido. A cena estava lá, no caminho do trabalho, na volta para casa depois da aula, em frente à nossa casa.

As leituras são muito subjetivas. As frases ajudam a tentar enxergar com os olhos do autor. A relação de respeito pela natureza, estampada no olhar da criança indígena, nos faz repensar sobre o conceito de desenvolvimento.

O prato sujo e quebrado na pia, a fumaça preta saindo do incêndio, o trabalhador puxando o carrinho cheio de reciclável, a fumaça do radiador do caminhão, a água desperdiçada. Tudo nos remete à mesma indagação: por que destruímos tanto?

O urbano convivendo com a natureza! Convivendo nada, apenas reforçando o contraste de uma tragédia anunciada. A natureza foi forçada a ceder espaço para o homem.

Hoje, contemplamos o natural e o concreto unidos, convivendo harmonicamente, provando que a natureza acolhe todos como uma mãe, mas até quando?

A chaminé que polui, o lixo que não vai para a lixeira, o consumismo desenfreado. Vamos ver o pôr do sol, me dê a mão! Vamos ver sim, enquanto ainda há tempo.

O Mosaico de vidro estampando o pássaro em meio ao concreto gelado da cidade tomada por prédios. Nos trilhos, o rastro do homem deixa também sua falta de respeito e preocupação com o futuro.

Preserve a água para preservar a vida. Será mesmo que realmente estamos fazendo a nossa parte? Já se imaginou vivendo sem água?

Em todas as coisas da natureza, existe algo maravilhoso. Seja no verde que alimenta, nas flores entre o céu e a terra. Repare na natureza, ela trabalha continuamente, mas em silêncio. É

triste pensar que a natureza fala e os humanos não ouvem. A arte é um resumo da natureza feito pela imaginação.

Frases que traduzem imagens, explicitam a emoção do autor. Se fotografar é narrar uma história, a exposição de fotos dos talentosos acadêmicos de Jornalismo do 1º e 2º ano narram uma história com fim trágico.

Até quando a natureza suportará a poluição, a falta de respeito, de amor, de temor, de consideração?

E o dia em que a fonte secar, o lixo encher, o sol matar, o dinheiro não servir, o dia não mais amanhecer. Será que nossos filhos, netos, ou bisnetos reconhecerão essas fotos?

“Quer morrer no mar,
mas o mar secou”,
Será que secará, ou transbordará?
E agora, José?

A não percepção de que também somos o outro

Paola Brigolla

“Dois peixinhos estão nadando juntos e cruzam com um peixe mais velho, nadando em sentido contrário. Ele os cumprimenta e diz:

- Bom dia, meninos. Como está a água?

Os dois peixinhos nadam mais um pouco, até que um deles olha para o outro e pergunta:

- Água? Que diabo é isso?”

Esse trecho é o início do discurso de paraninfo para formandos do Kenyon College, proferido em 2005, por David Foster Wallace, escritor e jornalista norte-americano. Ele suicidou-se em 2008, aos 46 anos, enforcado no pátio de sua casa.

Egocentrismo, existencialismo, o que vale ou não a pena na vida, e a mais importante e chocante descoberta: “não, eu não sou o centro do universo”- foram questões levantadas durante a palestra.

Parece meio óbvio, mas todos nós, em algum momento de nossas vidas, ou em vários deles, nos colocamos como seres únicos, simplesmente esquecendo que todos são únicos na vida de alguém. Entramos na palestra indivíduos muito diferentes do que saímos. Pelo menos comigo essa mutação aconteceu.

Com indagações do tipo: “o que é a água em nossa vida, a nossa saída da caverna de Platão e entrada em outra, e assim, continuamente até o final de nossa existência”, David Wallace centra abruptamente em nossa intimidade.

Não, as pessoas não estão em nosso caminho. Na fila do supermercado, não nos damos conta de que também somos a fila! Como diz o cantor: “Tudo atrapalha o que eu faço, mas pros outros parece tão fácil”, é assim que nos percebemos, tomados pelo egoísmo da existência humana.

Através do discurso fatídico de David Wallace, Professor Adrian vai tocando devagar e incessantemente em nossas feridas: “Se seu sou um ser agora, estou silenciando os meus outros ‘eus’! Jamais consigo mostrar todos os ‘eus’ que sou”. Já dizia Santo Agostinho: “Eu sei que sou, mas não sei quem sou”.

Ao perguntar: “quem somos nós quando não somos vistos”, e citar Carlos Drummond de Andrade, em: “A suposta existência das coisas”, na sua interpelação: “nós, sozinhos, no quarto

sem espelho”, o palestrante nos inquiriu a pensar: “Eu construir o outro e ele me construir é o maior dos espelhos: você necessita de certa aprovação. É, por isso, que uma frequência ajustou nossas roupas, nossos cabelos. Essa é a gramática da vida: vamos não percebendo, meio que esquecendo e meio que seguindo!”.

A indagação que norteia o texto do escritor coloca um espelho na nossa cara. A fala de um profissional reconhecido num discurso de formatura, como o prenúncio de um suicídio, nos faz repensar sobre nossas prioridades. Um diploma não nos dá a fórmula da felicidade, e muito menos a sabedoria necessária para viver. Aqui cabe a fala do Professor doutorando Diego Gomes do Vale, convidado do palestrante: “Iemos dois livros e já saímos xingando nossos professores. Devemos ser menos ranzinzas, nos achar um pouco menos”.

Estudar Literatura é analisar, principalmente, o que está por trás das palavras, é dar vida às entrelinhas. David Wallace tocou em pontos fundamentais de nossa vã existência:

“A verdade com V maiúsculo diz respeito à vida antes da morte. Diz respeito a chegar aos 30 anos, ou talvez aos 50, sem querer dar um tiro na própria cabeça. Diz respeito à consciência - consciência de que o real e o essencial estão escondidos na obviedade ao nosso redor - daquilo que devemos lembrar, repetindo sempre: ‘Isto é água, isto é água’”.

A Educação Ambiental como ferramenta para a preservação

Paola Brigolla

“O trabalho de campo possibilita ao educando aprender com a prática. O professor pode ficar dez anos tentando ensinar a teoria e esta não ser apreendida”.

Pablo Rodigheri Melek

Desenvolver o senso crítico dos alunos e oferecer aptidões para resolver problemas ambientais é um dos caminhos possíveis para inserir a Educação Ambiental na escola, de acordo com nosso palestrante.

Questões ambientais estavam praticamente fora do conteúdo curricular em minha época de colegial. Talvez, em uma ou outra “Feira de Ciências”, poucas vezes durante os longos anos em que passei na escola, debatemos o tema.

Hoje, é lei que as escolas insiram em sua prática, em todas as disciplinas, a Educação Ambiental.

Na década de 60, uma catástrofe ambiental futura já se prenunciava e, com ela, vieram os primeiros estudos acerca da necessidade da Educação Ambiental. O tempo foi passando e as discussões ganhando corpo. Os anos 70 marcaram a Conferência de Estocolmo, Carta de Belgrado, e assim, surgiram os primeiros estudos sobre a necessidade da inserção da Educação Ambiental na escola.

A década de 80 consagrou o Congresso Internacional sobre Educação e Formação relativas ao Meio-ambiente, realizado em 1987, em Moscou. A Rio 92 resultou na Carta Brasileira para a Educação Ambiental. E por aí vai, a Rio+10, em 2002, foio segundo encontro do ONU a discutir o uso dos recursos naturais sem ferir o ambiente; Rio+20, em 2012, marcou Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável.

A Educação Ambiental deve ser uma prática educativa integral e interdisciplinar, contínua e permanente. Nada de se tratar do assunto apenas nas aulas de ciências ou uma vez por ano em algum evento especial.

Mas, a regulamentação que trata da Educação Ambiental não é nova. É a Lei 9.795/99. Desde 1999, a Educação Ambiental deveria fazer parte do currículo escolar. Deveria! O Paraná

foi o primeiro Estado a estabelecer lei específica para regulamentar o ensino da Educação Ambiental. Trata-se da Lei 17.505/13.

Por fim, nos foi apresentado um guia de preparação para visitas de campo. Quem não lembra da ansiedade que nos tomava cada vez que saíamos para fora dos muros da escola! Tudo o que o professor Pablo falou a respeito da importância das saídas de campo como ferramenta eficaz de ensino faz muito sentido. Ainda estão vivas na memória de muita gente a nostalgia prazerosa de recordar os passeios escolares. Do “cheiro” do salgadinho no ônibus, às fotos adolescentes tiradas com as amigas inseparáveis, ficou a doce lembrança dos lugares inesquecíveis que conhecemos.

Um futuro melhor é possível

Paola Brigolla

Projetos da empresa CCR Rodonorte traduzem a preocupação com elementos dissociáveis do lucro, que faz o capitalismo parecer tão selvagem e cruel. Que iniciativas inspiradoras como essa fomentem o desejo de um número crescente de empresas em tornar o mundo um lugar melhor.

Entre os objetivos do trabalho socioeconômico e ambiental da empresa, estão o estímulo à reciclagem, promoção da conscientização ambiental e contribuição para a preservação do meio ambiente, através da destinação ecologicamente correta para as lonas e uniformes inservíveis. Além da contribuição para a geração de renda para as costureiras que trabalham na confecção dos produtos. A finalidade principal dos projetos é incentivar o desenvolvimento sustentável.

“Estrada para a Cidadania” foi o primeiro programa apresentado. Realizado em parceria com as secretarias municipais de Educação, e direcionado a alunos do Ensino Fundamental, o projeto consiste em ações educativas que trabalham, por meio de oficinas periódicas para professores, conceitos de segurança no trânsito, cidadania e proteção ambiental. Participam as cidades: Apucarana, Ponta Grossa, Carambeí, Castro, Tibagi, Jaguariaíva e Campo Largo.

A emoção tomou conta do grupo ao ler as cartinhas dos alunos participantes do projeto, que mandam mensagens sobre cidadania no trânsito e meio ambiente para os motoristas. A ideia principal é formar motoristas melhores e mais conscientes, além de ambientalmente responsáveis.

O SacoLona foi lançado em 2008. O objetivo é confeccionar sacolas retornáveis e diversos outros produtos com as lonas utilizadas em campanhas de comunicação na rodovia.

Além de dar a destinação correta para o material, a concessionária gera emprego e renda para a comunidade: cerca de 60 costureiras estão envolvidas com a produção do SacoLona. Qualquer empresa que possua lonas já utilizadas na comunicação pode repassar o material ao projeto.

O programa UniFormas começou em 2013 e, também, tem o objetivo de confeccionar produtos ecologicamente corretos. Com os uniformes reaproveitados dos colaboradores do Grupo CCR, são feitas roupas, cobertores e acessórios em geral, como bolsas, estojos, panos de limpeza.

A mais recente iniciativa da empresa chama-se “Lacre Solidário”. Lançado há dois anos, o projeto objetiva a destinação correta dos lacres de latinhas. A cada 140 garrafas pets de dois litros cheias de lacre de alumínio arrecadadas, a CCR doa uma cadeira de rodas. As doações são destinadas à população carente em geral. Para solicitar, basta entrar em contato com a Rodonorte, com um atestado médico informando da necessidade da cadeira.

Que muitas outras empresas mirem-se nesses bons exemplos, e que o desenvolvimento sustentável seja o alicerce das futuras gerações.

Sandro Moacyr
2º Período de Jornalismo – 2014

Aprendendo a ensinar

Sandro Moacyr

A oficina teve início com uma atividade dinâmica entre os participantes, os quais fizeram uma representação de uma cena de assalto a um casal que passeava em uma praça. A encenação contava também com uma diretora, sendo essa, representava o profissional de ensino, o professor.

O objetivo da peça era demonstrar na figura do diretor, como o professor deve e, não deve se comportar; o quanto deve ter planejamento, estratégia, paciência e racionalidade no ato de ensinar.

No decorrer da palestra, a plateia foi envolvida em um teste contendo dez questões que serviram para avaliar qual o perfil de aprendizagem de cada um, sendo que estes podem ser: cinestésico (aprende pela experiência), visual (precisa ver algo e correlacionar para lembrar), auditivo (aprende através do áudio).

Traçado o perfil de cada um, Francisley (uma das pedagogas que ministrava a oficina), comentou que tem pavor de falar em público, mas que aos poucos vai se acostumando e, nesse contexto, comenta sobre as várias formas de inteligência, e conseqüentemente de aprendizado. Então, fez uma breve abordagem da história do "menino do dedo verde", e isso deu origem a mais uma dinâmica de grupos, em que os participantes faziam textos, enquanto outros grupos faziam jogos, teatro e paródia, todos inspirados na temática "verde".

Finalmente, feitas as apresentações dos grupos, partimos para o encerramento, e ficou a lição que devemos ensinar e aprender, e aprender a ensinar, sempre.

Ambiente: Sustentabilidade

Sandro Moacyr

Feitas as apresentações formais em que os presentes foram incitados a visitar a exposição de fotos do nosso grupo, o eloquente e inspirado professor Paulo começou sua palestra, com um questionamento intrigante: quando começou a degradação ambiental? O palestrante respondeu ao questionamento: na Revolução Industrial, quando tudo que existe em nossos dias atuais parece ter sido criado, a partir da tal revolução. As máquinas dão o *start* para início de uma era de profunda devastação e inconsequência ambiental.

Segundo o professor, e convenhamos é fato, hoje, tudo visa o lucro, ou seja, o efeito do capitalismo impera. Comentou sobre a China e seu crescimento ordenadamente poluente e massificador, insustentável, a qualquer custo. "Um dia esse crescimento vai começar a declinar", comentou. Ficamos boquiabertos com a informação de que para se produzir 1kg de carne, gastam-se 14 mil litros de água. É, no mínimo, preocupante, ir ao supermercado, e pensar sobre isso. Mas, a partir da década de 60 do século XX, começaram as preocupações ambientais, com algumas conferências pelo mundo, e no decorrer das décadas, mas sem muito impacto, em termos de divulgação à sociedade.

No Brasil, tivemos a ECO 92, convenção muito importante na questão do desenvolvimento sustentável em nosso país e no mundo. E dentro do contexto “anti-ambiental”, “sobrou” até para o nosso Parque Estadual de Vila Velha. Este, hoje, em condições bem melhores, dentro dos padrões ambientais, mas que sofreu muito há alguns anos atrás com degradação em todos os níveis, que iam desde o consumo de alimentos e bebidas desordenado no parque, até a exibição de shows e depredação das formas em arenito.

Nas pedras, foram esculpidos nomes das pessoas e por aí vai... Aquecimento global, Mata Atlântica, Araucárias e a nossa nobre água... Comentamos sobre muitos fatores de destruição do meio ambiente. Entramos no âmbito das empresas, as principais vilãs, quando o assunto é degradação ambiental, mas, claro, nem todas. Muitas se destacam por meio de formas inteligentes e realmente sustentáveis, de fabricação e distribuição de seus produtos; existe também aquelas se utilizam do “marketing verde”, que de alguma forma contribuem, na produção sustentável de seus produtos e colocam isso em rótulos e propagandas.

Enfim, o palestrante sintetizou de forma clara e sem rodeios, o quão preocupante é a situação e deixou uma frase que não lembrava o autor: "Não devemos nos preocupar com que planeta deixaremos para nossas crianças, e sim, que crianças deixaremos para nosso planeta".

Se faltar água, falta tudo

Sandro Moacyr

Antes do início da palestra, peguei alguns folhetos sobre Educação Ambiental que estavam em uma mesa, e, também, um divertido jogo da memória, claro, tudo com o tema "água". Luciana começou falando de nosso "vizinho", o reservatório Botuquara, tombado pelo patrimônio histórico de nossa cidade e nos remeteu aos primórdios da distribuição de água em Ponta Grossa.

Então, Luciana começou a traçar a história da nossa água, da iniciativa individual, abrindo poços tubulares, pipeiros puxados por bois (chamados "agueiros") e até a construção dos nossos conhecidos chafarizes, feitos na época para armazenar água.

Muito se falou sobre mananciais, ou seja, rios, represas de água potável que podem ser distribuídos à população. Em nosso histórico, os rios Mandioca e Cascavel, por volta de 1914, abasteciam a população pontagrossense. Segundo Luciana, esses rios, já não existem mais. "Quanto mais se usa, mais se gasta", comentou.

Com o desaparecimento desses rios, criou-se o reservatório Botuquara que, em 1939, armazenava 2,7 milhões de litros de água. Já, em 1965, começou a captação do Rio Verde; em 1971 entrou em ação a represa de Alagados. Detalhe: com a chegada da tubulação na cidade, era feito um desfile, nas principais ruas da cidade, mostrando população, que mais pessoas teriam acesso a água.

A bióloga nos informou que, nossa água é 30% de Alagados e 70% do rio Pitangui. Ela deixou um alerta que possivelmente em dez anos, teremos que buscar outro manancial: o rio Tibagi. Segundo Luciana, vários fatores contribuem para esse tipo de situação: mananciais estão sendo contaminados, falta de saneamento, atividade pecuária desordenada, mineração, assoreamento, entre outros.

Infelizmente, uma crise hídrica está se instalando aos poucos em nosso país e porque não dizer, mundo e, já que fazemos parte dele, comecemos pelo nosso mundinho. Que tal, fechar a torneira e ao sair, apagar a luz?

Valéria Sobonia
4º Período de Jornalismo – 2014

Exposição de fotos

Valéria Sobonia

O trabalho desenvolvido pelo grupo do 2º período de Jornalismo mostrou um confronto com a realidade que vivemos. Abordou a sustentabilidade, recursos naturais e o meio ambiente, refletidas em imagens fotográficas.

O grande foco, creio que foi mobilizar àqueles que prejudicam o meio ambiente levando à uma mudança dos seus hábitos. O conteúdo apresentado trouxe o desperdício de água, a poluição ambiental, atmosférica, do solo, o abandono de animais e o trabalho dos coletores de rua.

Também, mostrou o que a natureza nos beneficia de graça. Mas, um dos grandes problemas que temos é com a conscientização da sociedade que ainda não tem mentalidade e atitude ecologicamente correta.

Já temos os efeitos do descaso com o meio ambiente ao nosso redor e pessoas sofrem com a falta de água, entre outros problemas.

Os coletores de rua têm grande importância para o meio. Eles são os grandes heróis, pois, tiram o que jogamos fora de nossas casas e levam aos barracões de reciclagem. Assim, cada item tem seu destino certo.

O abandono dos animais é um descaso geral, que está levando ao aumento dessa população de animais nas ruas.

Sustentabilidade ambiental e ecológica é a manutenção do meio ambiente, é manter a qualidade de vida, manter o meio ambiente em harmonia com as pessoas. É cuidar para não poluir a água, separar o lixo, evitar desastres ecológicos, como queimadas, desmatamentos... Significa cuidar de todo o sistema, para que as gerações futuras possam aproveitar.

Podemos promover o equilíbrio e o bem-estar da sociedade através de variadas iniciativas responsáveis e humanas pensando no melhor para todos.

O homem é parte integrante da natureza e, desde o seu surgimento na Terra, sempre contou com o que ela lhe oferecia. São considerados recursos naturais tudo aquilo que é necessário ao homem e que se encontra na natureza, entre os quais podemos citar o solo, a água, o oxigênio, energia oriunda do Sol, as florestas, os animais, entre outros.

Trabalhos como esses de galerias temáticas são importantes para a nossa sociedade analisar até que ponto estamos certos, se fazemos a prevenção para um futuro melhor ou se estamos acabando com o meio que vivemos.